

Queda do confisco

## O FRUTO DA CONSCIÊNCIA

*Esta edição estava pronta para ser impressa quando veio a notícia que a regra do jogo do mercado da soja mudou mais uma vez: agora o Governo tabelou os preços do óleo e do farelo no mercado interno, o que vai representar a perda de Cr\$ 25,00 a Cr\$ 30,00 em cada saco de soja comercializado. O Governo tirou o confisco mas, por outro lado, deu um jeito de reduzir os ganhos do produtor. E agora, como é que fica? Será o consumidor o real beneficiado por esta medida?*

*Antes fosse.*

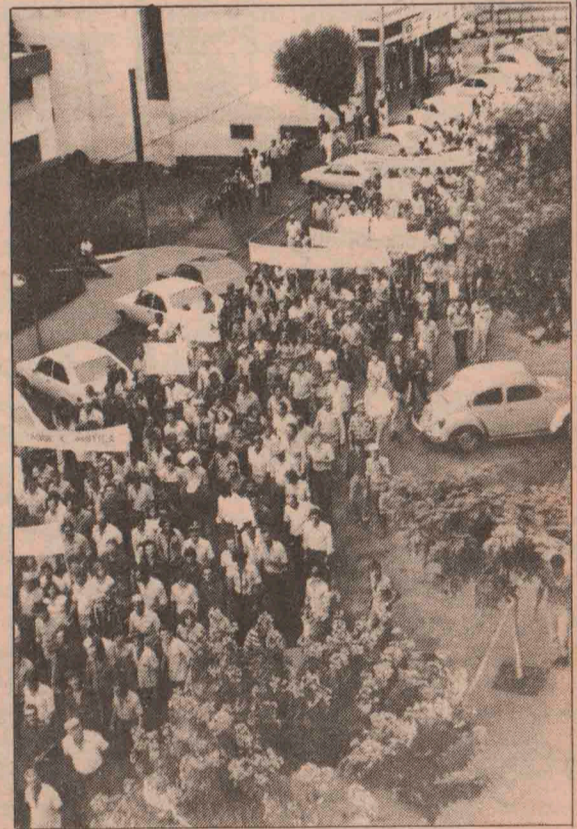
*Nem por isso, porém, o movimento que determinou a queda do confisco perdeu sua validade. A união, a mobilização do agricultor e a consciência que nasceu com todo este movimento vai dar ainda muitos frutos.*



**Super-safra**

**A ILUSÃO DOS  
NÚMEROS**

— Página 6 —



**Previdência**

**ESTA LEI  
NÃO SERVE**

— Página 8 —

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina  
Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUI - RS  
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA Nº 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

#### ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues  
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswal-  
do Olmiro Meotti, Werner Ervin Wag-  
ner, Eduardo Augusto de Menezes,  
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,  
Luis Régis do Amaral, Bruno Eisele e  
Walter Suliman Duarte.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,  
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,  
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz  
Kommers, Ido Marx Weillier, João  
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos  
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski  
Lopes, Alevino Righi.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Leonides Dallabrida, Alvaro Darci  
Bernardi Contri, Eloy Milton Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede) . . . . .	164.000 t
Ajuricaba . . . . .	33.000 t
Augusto Pestana . . . . .	33.000 t
Chiapetta . . . . .	60.000 t
Cel. Bicaco . . . . .	40.000 t
Sto. Augusto . . . . .	77.000 t
Tenente Portela . . . . .	60.800 t
Vila Jóia . . . . .	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.) . . . . .	50.000 t
Rio Grande . . . . .	220.000 t
Dom Pedrito . . . . .	48.000 t
Maracajú . . . . .	84.000 t
Sidrolândia . . . . .	12.000 t
Rio Brilhante . . . . .	12.000 t
Dourados . . . . .	60.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao qua-  
dro social, autoridades, universidades  
e técnicos do setor, no país e exterior.  
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado  
da ABERJE



Associado da

**AJOOCOOP**  
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e  
Documentos do município de Ijuí,  
sob n. 9. Certificado de marca de  
propriedade industrial M/C11 n.  
022.775 de 13.11.1973 e figurativa  
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

#### REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. de Brum Lucchese

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e  
impresso no Jornal do Comércio,  
Porto Alegre.

Abril/80

## Ao leitor

Foi uma luta desigual. De um lado milhares de produtores de soja e do outro as autoridades governamentais. A disputa era em torno de um valor de 13 por cento sobre toda produção vendida para o exterior. Enquanto os produtores lutavam para derrubar este confisco, do outro lado da trincheira as autoridades econômicas se agarravam com unhas e dentes num argumento injustificável: tirando o confisco cairiam ainda mais os preços da soja no mercado internacional.

Que armas tinha o produtor para entrar nesta batalha? Poder de decisão nunca lhe foi dado. Nem ao menos ele tem lugar para participar quando são tomadas estas decisões! Sua arma foi a clareza da injustiça deste confisco, sua capacidade de mobilização — uma coisa não esperada pelo adversário — e sua persistência na luta. Mas que armas são estas se comparadas a todo poder de pressão que emana lá dos gabinetes de Brasília?

E como entrar numa luta se a cada dia as regras do jogo estão mudando? O confisco, por exemplo, adquiriu diversas feições desde que foi instituído pelo tenebroso pacote econômico de dezembro, acompanhando outra medida até hoje não engolida, que foi a alta dos juros sobre os financiamentos agrícolas.

Esta parada, porém, o produtor comprou. E não foi só o produtor de um município ou de uma região. O Rio Grande do Sul em peso, que seria o Estado mais prejudicado pela medida, tanto pela época como por seu volume de produção, se mobilizou. E o Mato Grosso também. O povo da cidade apoiou as manifestações e produtores de outras áreas — como arroz e café, por exemplo — também se solidarizam com a luta do sojicultor.

As armas, sempre vistas como pouco potentes e de pequeno alcance da agricultura, conseguiram vencer. Está certo que até nossas máquinas acabaram indo para a rua e que milhares de agricultores deixaram de trabalhar na terra para se envolver no movimento. Tomara que isto nunca mais precise ser feito. Que não se precise quase que declarar uma guerra contra o Governo, sempre insensível às mais justas reivindicações. O agricultor tem diversas outras lutas para travar. Mas

que elas não sejam mais desiguais como têm sido até agora. Que antes de lutar ele sempre possa participar das decisões que dizem respeito não apenas a ele e aos seus interesses. As decisões econômicas são vitais para o País como um todo. O agricultor cansou de apenas olhar de baixo para cima as decisões que são tomadas de cima para baixo. E na luta do confisco ele mostrou que sua união e capacidade de mobilização não irão permitir situações semelhantes. Isto foi apenas um começo.

Super-safra. Safra bilionária. Recorde de produção. Isto será verdade? Produtores e técnicos dizem que não. No máximo, o que o Brasil consegue este ano é colher uma produção normal de grãos, com regiões mais favorecidas pelo clima compensando um pouco as frustrações que ocorreram na lavoura de outros locais.

Qual será o interesse, então, em divulgar tanto uma super-safra para este ano? Veja na página 6.

A questão do "plantar ou não plantar trigo" é coisa que vem sendo discutida há muito tempo. Mas sempre que chega a hora de preparar a terra lá se vai o agricultor comprar semente, adubo, óleo diesel, etc., porque no inverno ainda não se tem outra opção melhor para ocupar a mesma área. Este ano, será a mesma coisa?

Os produtores estão prometendo abandonar a lavoura de trigo, arriscada demais e ainda por cima submetida a uma política completamente estranha. Num ano se incentiva até não poder mais — através de financiamentos — o plantio da lavoura. No outro, a regra do jogo muda total. Para esta safra, por exemplo, o valor de custeio não dá nem para comprar a semente e o adubo e, ainda por cima, está sendo concedido pelo critério de faixas de produtividade, como se o sucesso ou insucesso do trigo dependesse apenas da capacidade individual de cada produtor. Aí o que está faltando é uma definição às claras do que afinal a política agrícola pretende com o trigo. Se é para não plantar que se diga de vez e se ofereça ao agricultor uma outra opção viável para ocupar suas terras no inverno. (Na última página).

## Do leitor

### AUMENTANDO CONHECIMENTOS

Desejo agradecer as edições recebidas no ano de 1979 e aproveitar a oportunidade para pedir que continuem enviando edições do corrente ano. O Cotrijornal só tem me ajudado a ampliar meus conhecimentos técnicos.

Renati Nardelli  
Pelotas - RS

### COOPERAÇÃO À AGRICULTURA

Tomamos conhecimento da circulação do Cotrijornal e tivemos a oportunidade de ler o exemplar número 70, que chegou até nós através de um cooperado da Cotrijornal.

Quero parabenizá-lo pela cooperação que tem dado a agricultura brasileira através de suas publicações e ao mesmo tempo, reiterar o desejo de receber uma assinatura.

Eng. Agr. Eraldo Augusto de Carvalho  
Empaer - Guia Lopes da Laguna  
Mato Grosso do Sul

### DE PAI PARA FILHO

Tenho um filho que está cursando Veterinária em Porto Alegre e gostaria que fosse enviado a ele, a partir de número 71, todas as edições do Cotrijornal.

Severino Collares  
Bagé - RS

### INTEGRANDO AOS PROBLEMAS AGRÍCOLAS

Solicito o envio de assinatura do Cotrijornal, para que eu possa melhor me integrar aos problemas agrícolas gaúchos. O Cotrijornal é de grande interesse para os meus estudos, servindo muitas vezes de fonte de pesquisa.

Contando com a colaboração, envio meus protestos da mais alta estima.

Maria Elise Rauher  
Não Me Toque - RS

### PERTO DA PROBLEMÁTICA RURAL

Estamos comunicando o regular recebimento de edições do Cotrijornal e ao mesmo tempo esperamos continuar merecendo sua atenção, pois suas edições nos levam bem mais próximo da problemática rural, de sua área de atuação.

Química Industrial Brasileira S.A.  
Santo Ângelo - RS

### EMPRESTANDO AOS AMIGOS

Estou agradecendo o envio sempre pontual do Cotrijornal. De longa data o venho recebendo, lendo, colecionando e emprestando aos amigos por considerá-lo de grande interesse para a área agrônômica desta Universidade.

Dimitry Tihohod  
Viçosa - Minas Gerais

### PLANTIO DE ARAUCÁRIA

Agradeço a publicação e a atenção dispensada a minha carta no número 71 do Cotrijornal.

Como meu interesse é experimentar o plantio da araucária em Nova Friburgo, creio que a pequena quantidade será suficiente para esta primeira experiência.

Eng. Auney Chaves Lopes  
Nova Friburgo - Rio de Janeiro

### ESTUDANTE DE AGRONOMIA

Sendo estudante do Curso de Agronomia e tendo conhecimento do Cotrijornal, manifesto o desejo de receber uma assinatura do mesmo.

Paulo Henrique da Silveira  
Universidade Federal de Viçosa  
Minas Gerais

Como acadêmico do Curso de Agronomia e formando de julho/80, tive a oportunidade de tomar conhecimento do Cotrijornal.

O Cotrijornal contribuiu para que eu estivesse sempre informado dos acontecimentos do Sul, principalmente em assuntos relacionados a triticultura. Sob esse aspecto, gostaria de receber uma assinatura do Cotrijornal.

Fernando José Longuinho  
Bom Despacho - Minas Gerais



**COTRIJORNAL**

Página 2

## Confisco

Quase três meses depois de instituído — no pacote econômico de 7 de dezembro — foi retirado o confisco sobre a soja. Mas não foi fácil o Governo se convencer da inutilidade e injustiça desta medida. Os produtores tiveram que sair à rua, com seus tratores, colheitadeiras e caminhões, para mostrar que estavam unidos na exigência da retirada total e imediata do chamado Imposto de Exportação. Foi uma real vitória dos produtores, mesmo que lá em Brasília insistam em dizer que não é bem assim. Tanto é, que o único argumento — mesmo que sem maiores justificativas — apresentado seguidamente para justificar o Imposto, caiu logo por terra. Ao contrário das previsões do Governo, a cotação da soja começou a reagir logo após a eliminação do confisco. Os produtores mostraram a força da união e mobilização da classe. Na queda do confisco, a vitória é do produtor. Agora ele se prepara para outras lutas. E há muitas pela frente.



# UMA LUTA GANHA

Nunca se viu coisa igual. Em praticamente todas as cidades produtoras de soja no Rio Grande do Sul e ainda em diversos municípios sulmato-grossenses, os produtores botaram as máquinas na rua para protestar contra uma medida, injusta, ilegal e altamente prejudicial aos interesses dos agricultores brasileiros. Era 31 de março, o Dia do Protesto. O motivo: o confisco, apelidado pelo Governo como Imposto de Exportação.

A mobilização dos produtores funcionou: dois dias depois das máquinas tomarem o espaço dos carros no centro de várias cidades, caiu o confisco. No seu lugar veio a oficialização de um contingenciamento, palavra grande e difícil, que quer dizer, nada mais, nada menos, que o Governo vai limitar as exportações de soja e seus derivados (óleo e farelo). Esta medida, inclusive, já fora tomada anteriormente, com a fixação de quantidades a serem exportadas pelo Brasil de sua produção de soja, limitando-as em 7,5 milhões de toneladas de farelo, 1,5 milhões de toneladas de grão e 800 mil toneladas de óleo.

"Dos males o menor", conta o Carlos Karlinski, que foi um dos coordenadores do movimento que exigia a retirada do confisco. O contingenciamento, na verdade, não é coisa nova em relação à soja. Desde 1973 ele vem sendo utilizado pelo Governo para garantir o abastecimento do mercado interno, que normalmente remunera em níveis mais baixos o saco de soja colhido pelo produtor e, portanto, se mostra muito menos compensador do que o mercado internacional.

### VITÓRIA DO PRODUTOR

A queda do confisco, mesmo

que as versões oficiais sejam diferentes, é uma vitória total do produtor gaúcho que abriu o peito para reclamar e protestar contra o absurdo da medida. Afinal, o confisco estabelecia o desconto de 13 por cento sobre cada saco de soja comercializado no mercado externo. Estes 13 por cento diminuam em perto de Cr\$ 100,00 o preço que o agricultor receberia por cada 60 quilos de soja que comercializasse. Somados aos 13 por cento de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) e aos 2,5 por cento do Funrural, num abrir e fechar de olhos o agricultor perderia exatamente 28,5 por cento.

Isto sem contar os descontos que normalmente incidem sobre a produção (umidade, impurezas) a capitalização para a Cooperativa e ainda o frete, o arrendamento, que existe em muitos casos, como também a percentagem (que não baixa de 15 por cento) para colher a soja. Limpo, limpo, sobraria coisa de 30 por cento para o produtor. "E isto, gente" dizia um produtor durante a primeira mobilização regional que aconteceu em Ijuí, dia 21 de março, "não dá nem para pagar o financiamento".

### VOANDO A BRASÍLIA

Enquanto os produtores se mobilizavam por todo interior, organizando suas manifestações públicas, como a concentração de máquinas, as lideranças rurais e cooperativistas se reuniam em Brasília com o ministro Delfim Netto, visto como o responsável direto pela teimosia do Governo em não retirar o confisco.

No espaço de uma semana, os produtores gaúchos voaram até Brasília duas vezes. A primeira foi na quarta-feira, dia 26 de março, onde o

ministro e os técnicos do Ministério do Planejamento se mostraram irredutíveis. Disse o Delfim que o "Governo recebeu os argumentos, mas continua com a mesma posição". Segundo ele, era preciso manter o Imposto para impedir uma queda nos preços internacionais da soja. Mas os produtores, que não andam assim tão mal informados do comportamento do mercado internacional, não concordaram de maneira nenhuma. Tanto, que até mesmo juraram que aguentavam a barra se o preço efetivamente caísse. Delfim, em todo caso, adiou a decisão para mais tarde. Adiou exatamente para a segunda-feira, 31 de março, quando estava marcada a concentração de máquinas e assembléias em todo interior gaúcho.

Nem mesmo adiando a decisão conseguiu esfriar o movimento. Ele saiu, tal qual fora planejado na concentração de 10 dias antes. E a palavra final do Governo sobre o confisco acabou não sendo dada no dia 31. Ela saiu no dia seguinte, depois de uma reunião convocada em Brasília ao final da tarde do dia anterior, quando as lideranças foram chamadas às pressas até os gabinetes do Ministério do Planejamento.

Aí, estranhamente, os argumentos do Governo para justificar a decisão de retirar o confisco, anunciando ao mesmo tempo os números definitivos sobre o contingenciamento, contradiziam plenamente aqueles empregados na reunião anterior. O Governo, agora, tirava o confisco, pois com a queda nas cotações da soja no mercado externo, este imposto deixava de cumprir a função para a qual havia sido criado, ou seja, impedir que os preços caíssem. Mesmo com o confisco, há

quase um mês, as cotações não reagiam. Com este argumento, ao que parece, se tentava tirar a importância que foi a mobilização das classes rurais, que conseguiu inclusive a solidariedade quase integral dos moradores das cidades, que viram com simpatia a decisão do produtor em lutar por seus direitos.

### A BOLSA DESMENTE

Desmentindo totalmente as afirmações do Ministério, as cotações da soja subiram de 4 a 5 pontos um dia depois de anunciado, por toda imprensa internacional, que o confisco sobre a soja brasileira tinha caído. Alguns especialistas comentam que esta reação não tem nada a haver com a queda do confisco. Eles atribuem esta elevação a chamadas "razões técnicas". O informativo Safras & Mercado, por exemplo, que se especializou em analisar as relações comerciais do complexo soja, afirma que "a queda do Imposto de Exportação na soja brasileira não teve nenhuma influência na Bolsa, pois o mercado todo já esperava a atitude tomada pelo governo brasileiro".

A Bolsa, em todo caso, desmentiu Delfim. Entramos agora numa fase de mercado praticamente livre — não se pode esquecer, porém, o contingenciamento — e tudo fica por conta do futuro. Um futuro em que os produtores estão bem mais conscientes da força que representou sua união num momento decisivo de defesa de seus interesses. "Daqui para a frente", comentava um deles durante a mobilização de Ijuí, "vamos ver se o Governo tem a coragem de tomar uma medida destas sem falar com a gente. A manifestação de hoje é apenas o começo".



Foto Pancho

# UMA POSIÇÃO CLARA

A Fetag — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul — calculou que 20 mil máquinas e perto de 150 mil agricultores saíram às ruas das cidades do Rio Grande do Sul na data escolhida, 31 de março, como o Dia do Protesto contra o confisco.

Só em Tenente Portela, por exemplo, 8 mil agricultores e 460 máquinas invadiram o centro da cidade. Em Ijuí se calcula que 2.500 pessoas estavam na praça da República, enquanto foram contados exatamente 803 tratores, 167 caminhões e 209 colheitadeiras. Em Vila Jóia foram perto de 400 máquinas, um número considerável por ser aquela apenas uma das regiões do município de Tupanciretã e ainda ser tipicamente minifundiária. Em

Augusto Pestana eram perto de 300 máquinas, em Ajuricaba 500. Miraguaí viu pouca máquina (40), mas muita gente (1.200 pessoas).

No Mato Grosso do Sul o pessoal também não ficou parado. Em Dourados, Rio Brilhante, Sidrolândia, Maracajú e Ponta Porã aconteceram manifestações, que prosseguiriam inclusive no dia seguinte, quando o ministro da Agricultura, Amaury Stábile, fazia uma visita ao Estado. No dia 31, perto de 2.000 máquinas foram estacionadas nas ruas principais daquelas cidades, onde também foram bloqueadas as estradas. Quando o ministro chegou à região, os produtores, pressionados, levantaram o bloqueio das rodovias por onde passaria a comitiva ministerial, colocando as máquinas e implementos na beira da estrada.

Depois da primeira concentração regional, dia 21 de março, em Ijuí, quando 8 mil pessoas ficaram reunidas toda tarde no bosque da Igreja Matriz de São Geraldo, foi eleita uma comissão de 10 pessoas que passou a coordenar toda a mobilização dos produtores.

Esta comissão elaborou um documento, distribuído entre as bases e também enviado ao presidente Figueiredo e ao ministro Delfim Netto, divulgando as decisões tomadas no dia 21 e dando o prazo até o dia 30 de março para a retirada do confisco.

As decisões do dia 21, foram as seguintes:

— Quanto ao encaminhamento da luta imediata:

1 — Colher a soja mas não comercializá-la enquanto não cair o

confisco.

2 — Dar prazo até o dia 30.03.80 às autoridades para a retirada do confisco.

3 — Caso esta reivindicação não seja atendida, fica estabelecido o dia 31 de março como Dia de Protesto. Cada município organizará manifestações públicas com mobilização de máquinas.

4 — Após a colheita do produto, se não houver solução, as propostas são de bloquear as principais rodovias e entradas de cidades.

— Quanto a continuidade da luta, a longo prazo:

— Exigir mudanças na política agrícola com a participação efetiva dos agricultores, através de suas entidades — taxas de juros, Proagro, preços mínimos, financiamentos.

2 — Formas de boicote: não

## “Plante, colha e coma, senão o governo toma”

“Plante, colha e coma, senão o Governo toma”, passou a ser uma das expressões mais correntes por todo meio rural do Estado desde que iniciaram as manifestações contra a política agrícola, especialmente em relação ao confisco. Os agricultores simplesmente aproveitam o já batido slogan oficial “Plante que o Governo garante”, traduzindo-o para a realidade por eles vivida.

Mas não foi só esta expressão criada pelos colonos. Surgiram muitas outras mais, enfeitando inclusive as colheitadeiras e tratores mobilizados durante o Dia do Protesto, em 31 de março.

“Plante sem medo, e agora Figueiredo?”

“Automotriz colhe, Delfim recolhe”.

“As pragas da soja: lagarta, fedefe-de, Delfim Netto”.

“Delfim, o lagartão da soja”.

“Plante pouco, que este gordo é louco”.

“Abaixo Delfim — Confisco —

Netto”.

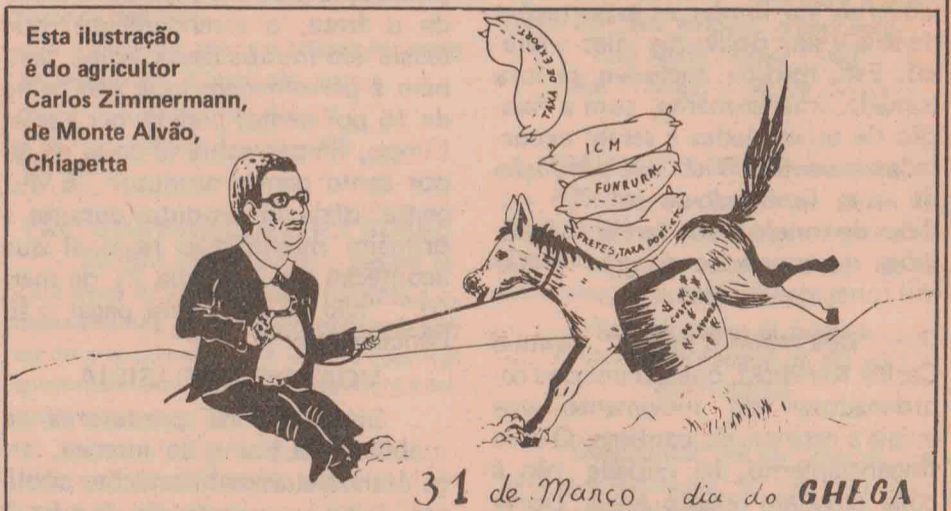
“Se o confisco não der o fim, o que fazer com o Delfim?”

Até uma piada o pessoal inventou: — “Logo mais vamos ter novamente uma monarquia”, dizia um colono pro outro. “Como assim,?” pergunta o companheiro. “É porque o Delfim já está com um reizinho na barriga”.

As manifestações dos produtores em todas reuniões preparatórias ao dia do Protesto, nas concentrações, invariavelmente se dirigiam especificamente à figura do ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, encarado como o maior inimigo do setor agrícola, mesmo que ele fique alardeando que a agricultura é meta prioritária do Governo.

Mas não foi todo mundo que viu no Delfim o inimigo público número 1 da agricultura, mesmo que na concentração do dia 21, em Ijuí, quando um líder sindical exigiu, além do fim do confisco, a renúncia do ministro, sua sugestão tenha si-

Esta ilustração é do agricultor Carlos Zimmermann, de Monte Alvão, Chiapetta



do tremendamente aplaudida pelas 8 mil pessoas que se acotovelavam no bosque atrás da Igreja Matriz de São Geraldo.

O pessoal começou a se dar conta que Delfim não faz nada mais, nada menos, do que cumprir o papel para ele criado, representando apenas os interesses do

sistema econômico implantado no País (veja o Cotrijornal do mês passado).

Mesmo assim, as máquinas se encheram de cartazes e faixas. Bonecos do Delfim invariavelmente estavam presentes nas concentrações do dia 31 e nas passeatas que os colonos fizeram naquele dia.

plantar trigo, não adquirir insumos e máquinas, não tomar financiamentos, só plantar para a subsistência.

## O PRODUTOR ATENTO

Como caiu o confisco, os agricultores agora se dispõem a comercializar o produto. As cooperativas, que ficaram ausentes do mercado durante todo o período de negociação com o Governo, voltaram a operar a comercialização da soja, estando atentas, porém, à política de contingenciamento.

O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, por exemplo, ao analisar esta medida, afirmou durante uma reunião da comissão coordenadora do movimento, que aconteceu na quinta-feira, dia 3 de abril, que as cotas podem não estar adequadas à realidade. Nesta reunião, os coordenadores se preocuparam em analisar o prosseguimento da luta dos agricultores, como fora definido na concentração do dia 21.

As cotas fixadas pelo Governo

para a exportação de óleo e farelo são na verdade menores do que o provável excedente da produção. No lugar de 800 mil toneladas de óleo, como definiu o Governo, o Brasil pode exportar 1 milhão de toneladas. E ao invés de 6 milhões de toneladas de farelo, é possível exportar 7 milhões. Só em relação ao grão, segundo ele, o Governo fixou uma cota real, em 1 milhão e 500 mil toneladas.

Comprovando que o excedente a ser exportado é maior do que aquele estabelecido pelo Governo, basta fazer as contas. A produção prevista de soja é de 15 milhões de toneladas. Destas, 1 milhão e 500 mil toneladas de grãos são destinadas à exportação, 800 mil para semente e 200 mil toneladas de quebra, restando, portanto, 12 milhões e 500 mil toneladas, para industrialização. Isto dá uma produção de 2 milhões e 300 mil toneladas de óleo, das quais 1 milhão e 300 mil são destinadas ao mercado brasileiro e mais aproximadamente 9 mi-

lhões e 500 mil toneladas de farelo, que tem um consumo de cerca de 2 milhões e 500 mil no mercado interno. Restam, portanto, 1 milhão de toneladas de óleo e 7 milhões de toneladas de farelo para exportar.

Se as cotas são irreais, conta Ruben, isto pressiona o mercado e o preço que pode ser pago a nível de produtor.

Em todas as reuniões acontecidas em Brasília, por exemplo, a indústria sempre foi taxativa em dizer que não podia pagar mais pela soja do que os preços que estavam sendo operados por aqueles dias, coisa de Cr\$ 420,00 por saco. Nos cálculos que as indústrias apresentaram, elas poderiam pagar apenas os seguintes preços líquidos ao produtor: Cr\$ 448,00 para a soja destinada à produção de óleo refinado no mercado interno, Cr\$ . . . . 402,00 para óleo bruto e Cr\$ . . . . 415,00 para exportação. A história, na verdade, não é bem assim. A indústria, é natural, estava querendo defender a dela, num momento em que todos representantes dos pro-

dutores ali reunidos asseguravam que estes preços não eram reais.

## O FUTURO

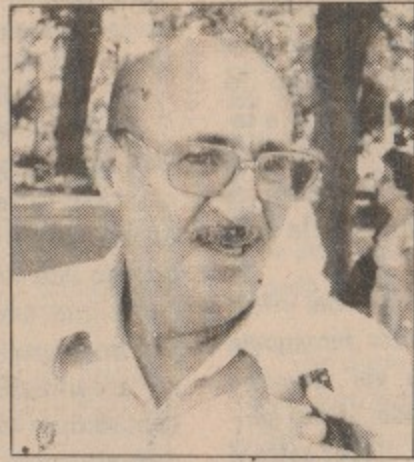
Quanto ao encaminhamento futuro da luta, é preciso, como ficou claro na reunião do dia 3, que o produtor esteja sempre atento ao desenrolar dos acontecimentos. O problema do trigo, por exemplo, faz parte de toda uma política agrícola da qual o produtor não participa na sua formulação. O certo é que não se pode, a cada vez que surgir um problema, levar as máquinas para a rua. O objetivo a ser perseguido é alcançar uma política agrícola na qual o produtor tenha uma efetiva participação. Não é tão difícil, como ficou comprovado por todos acontecimentos do mês de março, que o agricultor decida ele mesmo o que serve na sua atividade. Capacidade de mobilização — algo que muita gente pensava não existir — está sobrando. Uma mobilização que passa agora para uma fase de formação de posicionamentos claros. Tão claros como foi este em relação ao confisco.

## A simpatia do povo da cidade

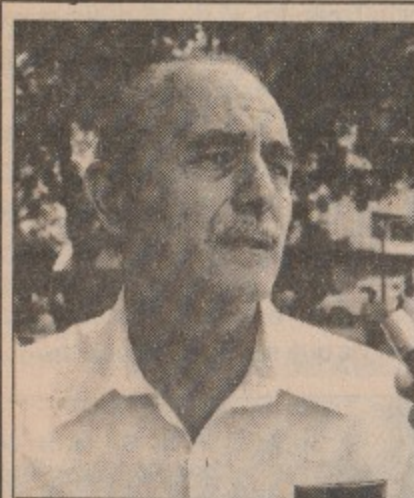
*Com raríssimas exceções, o porto-alegrense médio foi totalmente simpático à mobilização dos agricultores do Rio Grande do Sul contra o Imposto sobre Exportações de Soja. Uma enquete no centro de Porto Alegre, em plena Rua da Praia, demonstrou que alguns, mesmo sem saber exatamente o que é confisco, acham que a*

*atitude dos produtores foi correta, revelou conscientização da classe e serviu ainda para impor a imagem do Rio Grande ao resto do Brasil. Aqui, algumas das respostas sobre o que a população pensa do confisco e como encarou a mobilização no interior do Estado:*

*"Os agricultores já têm sofrido muito. Depois de uma produção tão boa, de uma safra tão bonita, como há muito tempo não acontecia, o Governo impôs o confisco. Com ele, cai o preço da soja horrivelmente para o produtor, que já não conseguia nem pagar os custos da lavoura. Esta foi uma reivindicação de classe. Foi justo o grito deles. Qualquer classe trabalhadora faz este estrilo" — Ernane Garbine, 58 anos, funcionário público.*



*"O confisco não era justo, não. O produtor sempre tem que ganhar um pouco mais, porque é ele quem se sacrifica. Agora, eu tenho lido pouco a respeito disto. Mas eu sou a favor dos agricultores. Achei certo o que eles fizeram, porque senão o Governo não amolecia, não cedia". Danilo Lentz, 50 anos, alfaiate.*



*"O confisco . . . eu acho que o Governo tomou uma medida, talvez, para defender os*

*interesses dele mesmo. Se era necessário ou não, eu não tenho a menor idéia. Agora, quanto à movimentação dos agricultores, acho que eles têm toda razão. Eles querem que o Governo tire este confisco. O Governo prometeu preço mínimo para a soja e, com o confisco, está prejudicando o agricultor. Tenho a impressão de que esta medida que o agricultor tomou é boa, justa. Eu sou a favor da redução do confisco." Guido D'Arrigo, 59 anos, farmacêutico.*



*"Eu acho que o principal argumento usado pelo Governo para adotar o confisco, que seria a queda de preço não é tão válido. O preço já havia caído muito, e houve esta queda apesar da manutenção do confisco. Então, eu seria contra o confisco, tendo em vista o principal argumento usado pelo Governo. A respeito da manifestação dos agricultores, acho tremendamente válida, tanto quanto ao aspecto da união do pessoal, da mobilização, quanto ao da reivindicação feita, que é a queda do confisco". José Antônio Amarante Pereira, 22 anos, estudante de Administração de Empresas.*



*"O Governo, normalmente, quando faz as coisas, faz certo. Ele não pensa só no agricultor. Pensa, de uma maneira geral, em todo o povo brasileiro. Porque o Governo está tentando defender o preço da soja no mercado internacional e o agricultor não quer acreditar. Acha que não. Acha que o Governo está querendo tirar dinheiro para ele. Não é isto. O Governo quer garantir o preço no mercado externo e proteger o povo brasileiro também da exportação demasiada e do aumento do preço da soja para o povo brasileiro. Quanto à manifestação, é válida sempre. Agora, certa eu não achei. Não precisavam ter chegado ao extremo de colocar trator na rua, que dá uma má impressão, principalmente para quem vem de fora". Este não quis se identificar.*



*"Os agricultores fizeram muito bem. Eu acho que . . . bá . . . tão com tudo. Tem mais é que mostrar o que eles são mesmo, batalhar pelo que eles têm certeza que tão fazendo legal. E não é só o confisco que é injusto. Tem um monte de coisas injustas por aí". Tamara Pereira, 19 anos, recepcionista.*

# A MENTIRA DA SUPER-SAFRA



Nem plantada a soja estava e já se falava que o Brasil colheria uma quantidade recorde de grãos na safra 79/80. Assim como a soja não começara a despontar do solo de várias regiões deste Brasil — desde o Rio Grande até a Bahia — o arroz, o milho, o feijão, eram culturas de resultado ainda incerto.

É ou não é, afinal, uma super-safra esta que o Brasil colhe este ano? Os jornais, as revistas de tudo quanto é canto do País chamam a safra bilionária. Se fala que o Brasil deve produzir, de acordo com as últimas estimativas do Ministério da Agricultura, coisa em torno de 52,4 milhões de toneladas, que comercializadas aos preços mínimos fixados pelo governo (Cr\$ 440,40 para soja, Cr\$ . . . 189,60 para o milho, Cr\$ 313,00 para o arroz, Cr\$ 900,00 para o feijão. Cr\$ . . . 157,80 para o sorgo, etc) renderiam perto de Cr\$ 350 bilhões.

Realmente pode ser que alcançadas estas estimativas se chegue a uma safra recorde de grãos. A maior safra já vista pelo Brasil, sempre de acordo com as estimativas oficiais, foi a de 1977, com 46 milhões de toneladas de grãos. Além da soja do milho, do feijão, do arroz, do sorgo, estas estimativas ainda incluem a produção de aveia, cevada, centeio, amendoim, mamona e trigo. Deste último produto, porém, nem se sabe ainda se o agricultor confia mais uma vez na lavoura, arriscando o plantio, mas as estimativas já contam como certa uma produção de 3 milhões de toneladas deste cereal, que será colhido apenas a partir de setembro/outubro, isto no Brasil Central.

## QUANTO SE COLHEU?

“Mas quem é que sabe ao certo quanta soja foi colhida ano passado?” Quem faz esta pergunta é o agrônomo Paulo Roberto da Silva, gerente de Planejamento e Projetos da Cotrijuf. Ninguém sabe quanto se colheu ano passado e também nem em 78. Ninguém sabe também ao certo qual foi afinal a área plantada este ano. São tudo apenas estimativas, que mudam de lugar para lugar. O Ministério

da Agricultura tem uns números, mas, ao mesmo tempo, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) tem outros.

Este ano, por exemplo, se fala que a área de plantio de soja no Brasil ficou entre 10 e 12 milhões de hectares. Uma variação em torno de 2 milhões de hectares é considerável. E afinal, existem razões para pensar em uma super-safra?

“Não é super coisa nenhuma”, conta o produtor Roberto de Oliveira Silva, que plantou 600 hectares de soja no município de Maracajú, no Mato Grosso do Sul. Exatamente neste Estado, onde a safra inicia mais cedo que no Rio Grande do Sul, foi o local em que iniciaram as primeiras manifestações a respeito de uma safra recorde. Fala Roberto:

— O Governo está muito mal informado ou então pretende fazer demagogia política. Tão falando que vai ser uma super-safra mas não é verdade. Muita gente não está colhendo bem. Super-safra é quando todo mundo colhe parelho.

Realdo Cervi, agrônomo da Cotrijuf na unidade de Maracajú também concorda, lembrando que safra boa mesmo se viu em 76/77, quando se fechou a produção com uma média de 1.800 quilos por

hectare. Este ano, deve se alcançar 1.600 quilos, o que dá coisa de 26 sacos por hectare. Outro agrônomo, o Emanuel Natalino Olímpio da Costa, arremata:

— O que teremos este ano é maior volume de produção. Mas não se pode esquecer, porém, que em 76/77 a maior área de plantio era a do arroz. Agora, enquanto decresceu a área de arroz praticamente triplicou a área de soja, que só no município de Maracajú, passou de 30 mil hectares naquele ano para 90 mil nesta safra.

## SÓ IMPRESSÃO

Como eles frisam, é preciso diferenciar uma coisa da outra. Falando assim em super-safra, dá a impressão de que todo mundo irá colher uma barbaridade, enquanto isto é completamente errado. Está certo que em algumas regiões do Mato Grosso, especialmente em terras de cultura, a colheita será melhor. Mas ela também sempre foi melhor do que na terra de campo.

A situação da safra de soja é basicamente a mesma das outras culturas de verão. Em algumas áreas, onde as chuvas foram regulares e bem distribuídas, a produção não vai negar o trabalho do agricultor, tanto faz se ele plantou soja, milho,

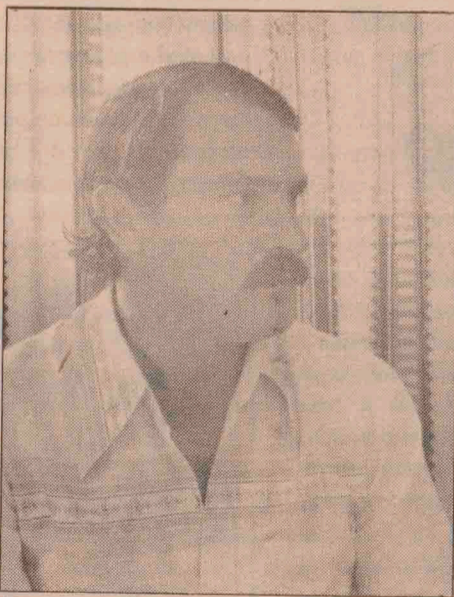
arroz ou feijão. O clima ajudando e o agricultor caprichando na preparação e conservação da terra não há lavoura que não se comporte bem.

Na lavoura do seu Roberto, por exemplo, bateu sol 26 dias sem parar:

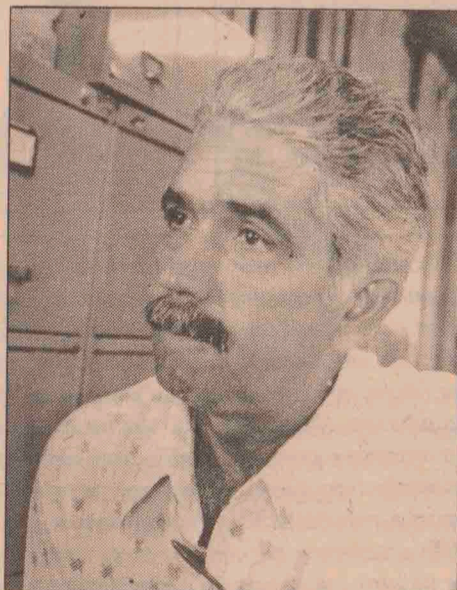
— Choveu em Maracajú inteiro mas lá na minha lavoura não. Isto deu uma quebra. Está certo que o soja recupera, mas não vai dar toda sua potencialidade.

## DEU SECA

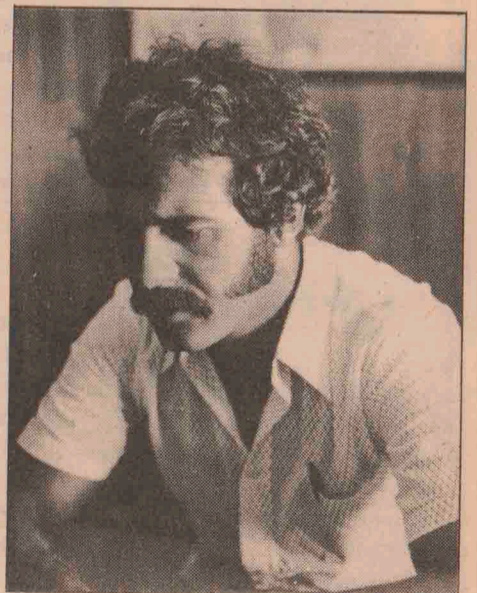
Se no Mato Grosso aconteceu isso, pior situação foi no Rio Grande do Sul. Uma vasta região sofreu com estiagem, mas parece que muita gente não se deu conta disto. Em Ijuí, por exemplo, choveu 40,5 milímetros durante todo mês de fevereiro, quando é normal uma precipitação de 155,5 mm. Já em Augusto Pestana, a precipitação foi só de 36 milímetros, enquanto lá em Vila Jóia ela mal alcançava 24 milímetros. Mais para o Norte, em Ajuricaba, a chuva chegou a 122 milímetros. E foi mais ou menos assim. Ao Norte de Ijuí, o que aconteceram foram esparsos “bolsões” de seca, enquanto ao Sul, chegando até a região da fronteira, o que se viu foram “bolsões” de chuva. Algumas mangas que salvaram poucas lavou-



Realdo: safra boa foi a 76/77



Roberto: super coisa nenhuma



Emanuel: aumentou foi a área

ras. O agrônomo Nedy Borges, diretor do Departamento Técnico, é quem conta: — Ijuí parece que foi o vértice de área de seca. Daqui para baixo, em direção à zona da fronteira, fica a região que mais sofreu com falta de chuva. Em janeiro já começou o período seco, que foi meio geral na região produtora, acentuando-se em fevereiro nesta área.

Isto sem contar já no plantio alguns produtores implantaram um pouco atrasados a lavoura. Foi uma sequinha que atrapalhou os planos do pessoal, o que forçou a plantar até mesmo na segunda quinzena de dezembro e no início de janeiro, fora, portanto, das épocas recomendadas. Lá em Coronel Bicaco, o problema foi outro: chuvas torrenciais e granizo logo após o plantio. O estrago foi tão grande que 6.000 hectares da lavoura de soja foram replantados.

#### AS ESTIMATIVAS REAIS

Por um levantamento feito pela Cooperativa, dentro do projeto de estimativas de safra, dá para ver perfeitamente que de super esta safra não tem nada. Este levantamento foi baseado em entrevistas com produtores e técnicos que fizeram suas estimativas de produtividade. Além disso foi feita uma medição da área plantada na região Pioneira, sobrevoando a região e considerando as áreas cultivadas com soja (veja como funciona este projeto no Cotrijornal do mês de outubro de 79). Em Ijuí, por exemplo, a estimativa dos produtores varia entre a média 20,04 sacos por hectare, no pior caso, e 23,98 sacos no melhor caso. Em Vila Jóia, onde a falta de chuva foi mais acentuada, a média das piores lavouras fica em 16,65 sacos, enquanto a média dos melhores casos não passa dos 21,16 sacos. É natural que a situação melhore nas regiões onde a falta de chuva não existiu, como em Chiapetta, onde as estimativas são as mais otimistas da região. Ali, a média do pior caso é de 26,85 sacos e do melhor caso é de 32,44 sacos.

No Mato Grosso também existem estas diferenças, principalmente porque o solo do estado é muito manchado, com áreas de alta fertilidade (as terras de cultura) estando lado a lado com áreas de baixa fertilidade (as terras de campo). O clima, como no Sul, também não foi parelho. A maturação da soja não foi uniforme, pois em algumas regiões o excesso de água prejudicou a lavoura, enquanto em outras aconteceram veranicos que também diminuíram a potencialidade de produção.

#### O AUMENTO DE ÁREA

O que poderia então, ser chamado de super-safra? Uma colheita abundante não apenas por parte de alguns produtores, como certamente acontecerá este ano. No Paraná, por exemplo, a produtividade normalmente se mantém acima de 30 sacos, chegando até a 40 sacos por hectare. Mas isto é o normal no Paraná. Se todos colhessem mais do que isto, aí sim seria uma super-safra.

E até que ponto pode-se chamar de super-safra o resultado de uma colheita obtida através de uma ampliação de área? Este ano, por exemplo, o comentário é que a expansão de área de cultivo da soja chegou aos 3 por cento. Não é nada, não é nada, mas são 165 mil hectares incorporados à produção, só no Rio Grande do Sul, se partirmos da estimativa de um plantio de 5 milhões de hectares no ano passado.

## Os interesses, segundo o produtor

— Os caras dizem que é uma safra recorde, mas como isto é possível, colhendo 20 sacos por hectare? Existem interesses psicológicos no sentido de botar na cabeça, do pessoal que não participa da produção agrícola, que o Brasil vai ter uma produção abundante. Com isto, eles forçam o preço dos produtos para baixo.

Isto quem fala é o Lucídio Arruda, produtor em Maracajú, convencido que está do interesse, tanto do Governo como das indústrias, de fazer pensar que existe uma super-safra este ano. Ele lembra que, desta forma, o pessoal que vive nas cidades, longe dos problemas da agricultura, vai contestar as reclamações dos produtores em relação aos baixos preços que recebem por seu produto.

É por isto, segundo um grupo de produtores reunidos numa tarde calorosa na unidade da Cotrijornal em Maracajú, que o Governo não estava esperando reação alguma dos produtores em relação, por exemplo, ao confisco da soja. Existindo a idéia de que se colhe bem, o pessoal não chia muito se tiram uma parte de sua produção como imposto.

#### E O ANO QUE VEM?

Agora, a preocupação de outro produtor, o seu Roberto Oliveira da Silva, já é com a próxima safra de soja:

— Tão tanto falando que vai ser uma super-safra que não vai ser, e na próxima safra vão largar um financiamento baixo para o agricultor, que não se vai conseguir pagar a formação da lavoura. O Governo esquece que o agricultor vem de safras frustradas e agora, que podia mais ou menos se endireitar, vem esta política toda.

É natural que não é todo mundo que pensa que a safra não passa de nor-

mal. É o caso, por exemplo, do seu Raul Otávio Belloto, que plantou 65 alqueires (ou 156 hectares) em Lagoa do Ouro, em Dourados, e andou colhendo no início da safra, coisa de 150 sacos por alqueire (ou 60 sacos por hectare). Isto sim é super-safra. Mas também se explica:

— Plantei em terra de cultura e esta sempre deu bem. Ano passado, que todo mundo reclamou da frustração, chegamos a tirar uma média de 134 sacos por alqueire.

É que existe ainda um detalhe na forma de seu Belloto levar a lavoura: ele faz rotação de cultura, uma prática muito recomendada mas que nem por todos agricultores anda sendo feita. Um ano ele planta pastagem e no outro renova, semeando soja nesta área ou trigo, dependendo da época. Seu Belloto faz apenas aquilo que os técnicos recomendam e ainda por cima, numa área privilegiada, onde a fertilidade do solo é das mais altas.

#### NOSSA DEPENDÊNCIA

A coisa já muda de figura na área plantada por Inácio Medeiros de Almeida, onde a média não vai acima dos 25 sacos por hectare. O Inácio planta também em Dourados, uma área de 600 hectares, que apanhou bastante com a falta de chuva que castigou áreas do Mato Grosso do Sul no início de dezembro. Inácio tem uma opinião muito firme sobre a questão da super-safra:

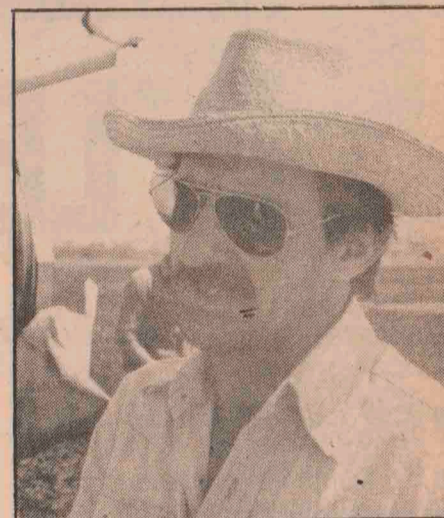
— Discordo das estatísticas do governo. Não vamos ter super-safra de jeito nenhum. Não dá pra se iludir com isto enquanto também formos dependentes do exterior. Precisamos do adubo, dos inseticidas, das máquinas, de tudo que nos vendem lá de fora. É objetivo deste pessoal fazer figurar uma super-safra para que não peguemos bom preço pelo nosso produto.

#### UM PROBLEMA

Se desse super-safra mesmo o problema era grave lá no Mato Grosso. O Jarbas Barbosa, que plantou 500 hectares em Rio Brillhante, e também é vereador do município, é quem conta da dificuldade que já existe para a prefeitura conservar os 2.600 quilômetros de estradas municipais. Com super-safra e um movimento enorme de caminhões, o desastre estava feito. Isto se tivesse caminhão que chega no Mato Grosso para transportar a safra da lavoura aos armazéns.



Arruda: baixar os preços



Inácio: não dá pra se iludir

— Onde que vai dar super-safra? Não vai dar nem safra normal, como é que estão falando em super-safra? A safra esse ano tá regular e super-safra pra mim é quando todas as lavouras estão em boas condições.

Quem fala assim é Aristeu Burtet Basana, do Cará em Vila Jóia. Aristeu não está nada satisfeito com sua lavoura de soja. "Na certa terei uns 50 por cento de quebra", diz meio triste. "A falta de chuva foi grande". Seu Aristeu acredita que colherá uns 15 sacos por hectare.

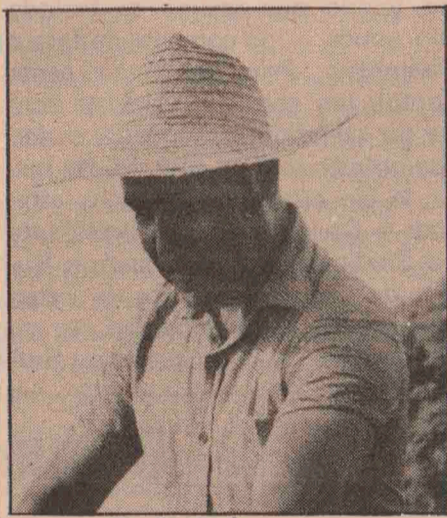
Juarez Miguel Padilha, lá na Vila Jóia também não acredita em super-safra.

— Essa conversa de super-safra é até muito ruim para o agricultor. Isso só pode ser coisa de quem não está bem a par da lavoura. Eu acho que tem gente que ainda está com o entusiasmo do mês de dezembro, quando parecia que ia dar uma safra normal. Mas tá muito longe até de ser uma safra normal.

— Super-safra? Mas como é que vai existir super-safra, se nós estamos colhendo mal? Do jeito que está essa safra, ela não pode nem ser considerada normal. Na nossa região, o que existe é mais uma safra frustrada. Não gosto nem de fazer estimativas porque estou achando que não vou colher nem o que colhi o ano passado.

O comentário é do agricultor Nélio Rieger, da Esquina Gaúcha em Augusto Pestana. Nélio que plantou 35 hectares de soja diz que teve um ano que chegou a colher 40 sacos por hectare. "Aí então se podia dizer que existia uma safra boa".

— Esses boatos de safra bilionária não passam de política do governo para não pagar preços justos pelo produto. Inventam super-safra e os preços ficam lá embaixo.



Juarez: safra frustrada



Nélio: boatos



Belloto: o segredo é renovar



# A LEI TEM QUE MUDAR

*O trabalhador rural exige seus direitos na área da previdência.*

*"O povo está chegando, vem prá dizer tudo que está pensando".*

E o povo foi se chegando mesmo, enquanto grupos de jovens cantavam esta música no mesmo ritmo da canção "Os anjos estão voltando", de Odair José. Veio gente de Barreiro, de Santa Lúcia, do Salto, de Itaí, de Mauá, Felipe dos Santos, Aracy Cerves, Piratini, Linha 11, Linha 6, Rincão da Laje, de tudo quanto é canto de Ijuí. O agricultor foi chegando abaixo de chuva mesmo. Uma chuva esperada, está certo, pois a soja em algumas regiões sofreu um pouco por estiagem, mas que quase comprometeu a grande assembleia programada pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais, no dia 12 de março.

No final das contas, umas 3.000 pessoas ficaram de pé durante toda tarde em frente às escadarias da Igreja São Geraldo. Podia ter vindo bem mais gente, não fosse o

estado em que ficaram as estradas do interior depois das chuvaradas, o que impediu que os caminhões carregados de transportar o povo até o local da assembleia andassem naquele barral. Mas 3.000 foram o suficiente para demonstrar que o agricultor cansou de ser explorado do jeito que está sendo, de pedir "por favor" para ser atendido no Hospital, de recolher 2,5 por cento para o Funrural e contar com poucos, mas poucos mesmos, benefícios da previdência rural.

## O DRAMA DO AGRICULTOR

Antes de iniciar a assembleia, quando uns pingos de chuva forçaram o pessoal a se reunir no interior da cripta da Igreja, grupos de jovens rurais provaram que não estão tão alienados assim como muito adulto pensa. Eles escreveram e apresentaram algumas peças de teatro dramatizando o atendimento que recebe o agricultor (veja o tex-

to de uma das peças na página seguinte).

Além do teatro houve também muito canto. Inspirados em músicas conhecidas — como "Jardineira" e "Barbaridade" — o pessoal de Ijuí fez umas letras que o povo todo cantava. Preparação para isto não faltou. Tudo estava bem organizado para a Assembleia, depois de muitas reuniões nos núcleos do sindicato de todo interior do município.

E aí foi a hora — com a ajuda do tempo que acabou se abrindo um pouco — de começar de fato a assembleia. Primeiro muita gente contou um caso que viveu na hora de ser atendido no Hospital e deu sua opinião sobre o assunto. Na mesa, lá em cima das escadarias, estavam o Carlos Karlinski, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ijuí, o tesoureiro da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul)

Luiz Martins da Rosa e diversos representantes de sindicatos da região. Veio gente de Santa Rosa, Chiapetta, Miraguaí, Ajuricaba para dar seu apoio ao STR de Ijuí. Inclusive Reinholdo Luiz Kommers, presidente do Sindicato Patronal de Ijuí, que reúne os maiores produtores, participou da Assembleia. Outras presenças foram do bispo de Cruz Alta, dom Jacó Hilgert e do vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Oscar Drews. O ministro Jair Soares, da Previdência e Assistência Social, que era esperado pelos organizadores, acabou não aparecendo. E o pessoal protestou por esta desconsideração. Algum tempo depois de iniciada a assembleia foi colocada uma faixa que dizia: "Protestamos ausência ministro — desconsideração". Em todo caso, dois médicos da área de medicina rural do INAMPS participaram do encontro, mesmo que não tenham dito muita coisa de interessante.

## O que o povo cantava

### Ó AGRICULTOR

#### PERGUNTA:

Ó agricultor por que estás tão triste,  
Mas o que foi que te aconteceu?

#### RESPOSTAS:

1. A minha terra está ficando pouca  
E o latifúndio é só quem cresceu (bis)
2. Estou proibido de ficar doente  
Que o Funrural desapareceu (bis)
3. Sempre paguei dois e meio por cento  
Mas meu dinheiro ninguém atendeu (bis)
4. Dólar dobrou o preço do produto  
Mas o nosso lucro o Delfim comeu (bis)

#### ESTRIBILHO:

Vem companheiro,  
Vem amigo meu,  
Não fiques triste que este mundo é todo teu  
Nós ficamos muitos fortes  
Com a união que já nasceu

### BARBARIDADE

Barbaridade isto é bom que mete medo  
O que mete medo é bom  
Isto é bom barbaridade . . .

Ninguém viu o que eu vi hoje  
Na cidade de Ijuí  
Todo o povo se reunindo  
P'ros direitos exigir  
Juventude e adultos  
Tão querendo se unir!

O problema de saúde  
É um caso muito sério  
P'ra atender o agricultor  
Fazem todo um mistério  
Se você não tem dinheiro  
Vai parar no cemitério

## O que o povo pedia

Os agricultores pretendiam entregar durante a assembleia ao ministro Jair Soares um abaixo assinado que reuniu mais de 5.000 assinaturas, onde reivindicavam: cumprimento total do convênio Funrural-Hospital de Caridade de Ijuí e Associação Médica do Rio Grande do Sul; livre escolha de médico; atendimento a todos tipos de doenças; modificações na lei do Funrural, com atendimento total em qualquer parte do país mediante a apresentação de uma carteirinha; inclusão da mulher e filhos menores no seguro de acidentes do trabalho; pensão para as mulheres que ficaram viúvas antes de 1972; construção de um hospital regional pelo Funrural; que os agricultores sejam ouvidos e atendidos através de seus órgãos de classe no tocante à definição da política previdenciária e assistência rural.

Com a ausência do ministro foi decidido que este abaixo-assinado seria entregue por uma comissão diretamente a Jair Soares.





Pedindo nada mais do que os direitos



Uma passeata pacífica que impressionou a cidade

**O PRODUTOR PAGA MAIS**

Depois das colocações de diversos agricultores (veja na matéria ao lado), os líderes sindicais e outros participantes da mesa, também disseram alguma coisa. Reinhold Kommers, por exemplo, fez uma comparação entre o que o agricultor paga ao Funrural e o que pagaria se fosse beneficiário do INPS: o trabalhador rural contribui com 30 por cento a mais que o urbano, mas conta com apenas seis benefícios enquanto o urbano tem 19. Falou seu Kommers:

— Pagamos um boi para não entrar na briga, mas depois que entramos pagamos uma boiada para não sair.

O tesoureiro da Fetag, o seu Luiz, contou nunca ter visto uma multidão tão unida como a que estava presente na assembléia do Sindicato. Dom Jacó Hilgert, o bispo de Cruz Alta, foi levar o apoio da Igreja, lembrando do recente documento de Itaici, onde os bispos brasileiros assumem o compromisso de denunciar as situações injustas e violentas que se cometem por este Brasil afora, e de combater as causas que provocam estas situações:

— Apoiamos igualmente a mobilização dos trabalhadores para exigir a aplicação ou reformulação das leis existentes. Por isto apoiamos o movimento de hoje em Ijuí.

Arnaldo Drews levou a certeza de que também a Cotrijuí se solidarizava com o movimento, "pois está evidente que os sentimentos de nossos associados são os próprios sentimentos da Cooperativa. A Cotrijuí sabe das dificuldades que nossos agricultores passam, principalmente na área de saúde, pois diariamente somos solicitados para um adiantamento de safras, porque o agricultor não tem dinheiro para baixar um

doente".

Os dois representantes do INAMPS, médicos Paulo Baddo e Guiomar Steffen não tinham realmente muito a dizer. Só contaram que está para ser aprovado um projeto que altera a legislação previdenciária para o homem rural. Muito mais não puderam dizer, pois chegaram mesmo a confessar que não sabem como é este projeto:

**VAIA E PASSEATA**

Quem recebeu uma vaia bem grande foi o presidente do Hospital, o médico Milton Wayhs, que estava inscrito para falar durante a Assembléia mas se retirou antes da hora. Dizem que é porque ele assistiu parte dos teatros dos jovens e viu um dos cartazes que os colonos carregavam, onde estava dito: "Exigimos que o presidente do HCI renuncie".

No final de todas colocações, um murmúrio começou a correr no meio do povo. E não teve dúvida alguma em se decidir que os agricultores deveriam sair em passeata pela cidade. E lá se foram eles, pacíficos, descendo toda rua do Comércio até dar a volta na praça e chegar a sede do Sindicato. Durante todo percurso, eles gritavam: "agricultor quer justiça", "o Funrural é um câncer", "agricultor unido jamais será vencido".

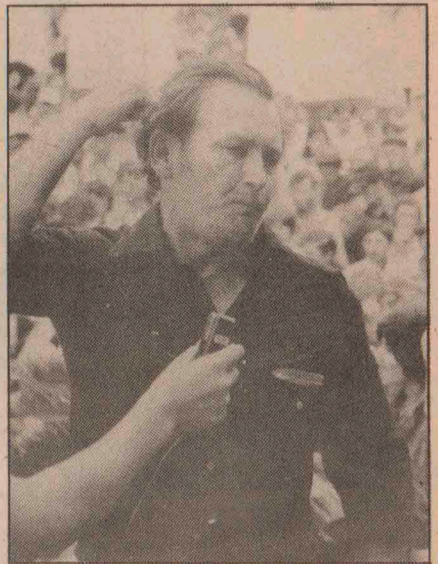
A concentração final foi em frente ao Sindicato. Dali o povo foi se dispersando, não sem antes carregar o Carlos Karlinski nos ombros, na mais clara demonstração de que a assembléia fora um êxito. Mesmo que não tenha vindo o ministro. Mesmo que o hospital não tenha aproveitado a ocasião para tentar justificar seus erros. Os agricultores de Ijuí mostraram o poder da união. Alguma coisa, de fato, vai mudar na previdência social. A consciência do agricultor não permitirá mais os abusos cometidos nesta área.

**Palavras de doer no peito**

De todas manifestações dos agricultores, a que mais doeu fundo no peito de muita gente foi a do seu Reinoldo Dobler, morador do Rincão do Tigre. Ele contou que não era por nada que vestia camisa preta já há algum tempo. Perdeu a esposa dia 22 de fevereiro:

— Ela ficou mal. Tive que levar ela no hospital. Vocês querem que eu diga o nome do médico? Ele tracom uma injeção na minha velha. Não sei o que tinha lá dentro, meus amigos. Tomara que ele esteja presente que eu vou citar o nome dele. Querem me levar preso me levem, pois perdi minha companheira. Agora vou dizer aos senhores que recolhi 2,5 por cento para o Funrural como todos vocês recolhem. No entanto, naquela hora, todos esqueceram disso. Às 7 horas da manhã baixei no dito hospital de Ijuí. Logo em seguida o médico atendeu e solicitou à enfermeira que aplicasse uma injeção na veia da minha patroa e a mandasse embora. Daí ele saiu. Então eu perguntei à ajudante: onde está o médico? Mandei que ela o chamasse. Logo o médico apareceu e disse que tinha que pagar Cr\$. . . 260,00 para que a minha esposa pudesse baixar. No entanto, sabem o que aconteceu no outro dia? Às 11 horas, minha gente, a minha patroa faleceu e o médico teve a crueldade de mandar ela embora no dia que consultei.

O seu Reinoldo, no final das contas e na emoção de tudo que contava, não disse o nome do médico. O pessoal meio que quis cobrar mais tarde o nome do médico. Na verdade, pouca importância isto tinha, pois não acontece o mesmo fato apenas com um dos profissionais que atende no Hospital de Caridade de Ijuí,



Dobler: de luto

apelidado entre os produtores de Hospital da Calamidade. Por razões óbvias.

**TÍTULO PARA QUÊ?**

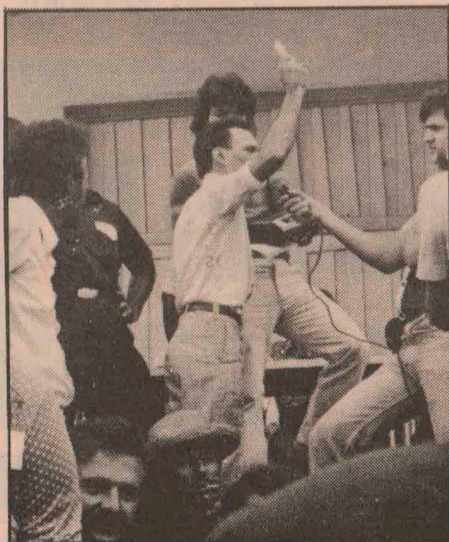
Outra das manifestações empolgadas foi de seu Manjabosco, de Barreiro, que com seu título de eleitor na mão, lembrava: "eu voto para o quê? Que direito tem o brasileiro, o produtor rural, se tudo é tão injusto para a gente?"

Representando os jovens rurais, falou Fátima Calegari:

— Saúde, ensino, trabalho, deveriam ser as metas de um governo progressista. A saúde de um povo deve merecer cuidados especiais de um governo responsável, pois um povo sadio é capaz de lutar, de trabalhar e de vencer. O jovem rural têm reivindicações a fazer, pedindo, apelando, enfim, exigindo: não aceitamos mais a discriminação que fazem conosco. As leis brasileiras nos ignoram, nos discriminam, nos alijam dos direitos líquidos e certos da previdência social. Se o infortúnio nos atingir com um acidente, nada nos assiste, nada nos ampara. Seremos diferentes do jovem urbano?

Fátima ainda lembrava que os produtores recolhem bilhões e bilhões de cruzeiros aos cofres da Previdência Social e, quando necessitam de assistência médica são tratados como mendigos:

— E se amanhã, pela idade, não mais puderem trabalhar, recebem uma aposentadoria ridícula, humilhante, injusta, desumana! Meio salário mínimo, salário mínimo este que, economicamente, já não representa nada. Esta é a aposentadoria do nosso agricultor. Meio salário mínimo é menos do que o custo de um almoço num restaurante dos figurões. Quanta injustiça!



Manjabosco: votar prá quê?

# O DRAMA DO AGRICULTOR NO TEATRO DOS JOVENS



Os jovens criaram e encenaram a peça...

*No Hospital de Calamidade de Ijuí, chega uma paciente muito mal, acompanhada por sua mãe e uma amiga*

**Mãe** — Doutor, eu trouxe minha filha para consultar.

**Doutor** — Tem algum seguro?

**Mãe** — Funrural.

**Filha** — Eu não agüento mais.

**Doutor** — O que está sentindo?

**Filha** — Dor de cabeça, ânsia, tontura...

**Mãe** — Acho que é intoxicação de veneno.

**Doutor** — Vou receitar um calmante para fazer agora.

*Daí o doutor chama uma enfermeira e essa dá o calmante. Depois ele diz:*

**Doutor** — Passe na farmácia e compre esses remédios.

**Mãe** — Mas doutor, o senhor não vai lhe dar baixa? Veja o seu estado!

**Doutor** — Não estamos dando baixa alguma pelo Funrural. Podem ir para casa. Amanhã ela estará completamente boa.

*Recebendo apenas uns calmantes, o médico manda a paciente embora. Porém, no outro dia, ela volta*

*com sua saúde mais agravada.*

**Mãe** — Doutor, salve minha filha, por favor. Eu trouxe ela ontem e o outro doutor não quis dar baixa para ela.

**Doutor** — Que remédio ele receitou?

**Mãe** — Aqui está a receita. Apenas uns calmantes. E ele nem consultou!

**Doutor** — Mas como é possível? Dar-lhe apenas uns calmantes no estado em que se encontra! Qual foi o médico que lhe atendeu?

**Mãe** — O doutor Moacir

**Filha** — Doutor, eu não agüento mais. Me ajude, por favor. Eu vou morrer.

*A filha desmaia. O doutor chama a enfermeira e esta aplica uma*



... que conta o drama do agricultor ...

*injeção*

**Doutor** — Ela está realmente muito mal. Vai ter que baixar. Tem algum seguro?

**Mãe** — Funrural

**Doutor** — Mas não baixamos pelo Funrural. Só particular, INPS, ou Unimed.

**Mãe** — Mas doutor, não temos outro desconto e particular não posso pagar. Sou pobre! Me ajude, por favor, não a deixe morrer.

**Doutor** — Não baixamos pelo Funrural. Prefiro baixar como indigente do que pelo Funrural. Passe na Secretaria para fazer a baixa

**Mãe** — Como é possível vocês serem tão loucos por dinheiro? Agora terei que dar um jeito de vender um pedaço de terra para que os médi-



... para uma platéia atenta e preocupada

cos salvem minha filha. Mas isso não ficará assim.

*A mãe dirige-se à Secretaria.*

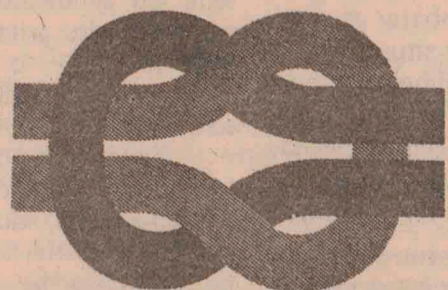
**Mãe** — Vim fazer a baixa.

**Secretária** — A consulta sai Cr\$. . . . 800,00 e tem um saldo de Cr\$ 3 mil.

*A mãe se sacrificaria vendendo um pedaço de terra para salvar sua filha. Ela lutaria até o fim para devolver a saúde a sua filha, mesmo tendo que vender tudo. Mas está certo isso? E os médicos em vez de lutar para salvar a vida de um doente, se o doente não tiver dinheiro, o deixam morrer.*

**Todos** — E por isso nós agricultores, jovens e adultos, resolvemos nos unir para, de mãos dadas, nossos direitos exigir.

Mais que um grupo,  
um ideal.



COTRIJUI  
— A FORÇA DA UNIÃO.

# BUSCANDO SOLUÇÕES

Em Dom Pedrito é criado um Conselho de Produtores de Carne para aprofundar discussões e buscar soluções para as dificuldades enfrentadas pelo produtor.

Há pouco tempo, no final de fevereiro, foi criado em Dom Pedrito um Conselho de Produtores de Arroz. Agora, no finalzinho de março, surge mais um Conselho de Produtores associados à Cotrijuí. Agora são os produtores de carne que se organizaram para discutir junto à Cooperativa seus problemas e buscar também soluções para eles.

A reunião de formação do Conselho aconteceu no dia 28 de março e foi bastante concorrida: 230 pessoas lotaram o CTG em Dom Pedrito, quando também foram analisados os dados sobre a comercialização de carne, comparando-os com os do ano passado, e divulgando ainda os valores de retorno para os associados sobre o produto comercializado pela Cooperativa.

Depois da exposição sobre o número de animais abatidos no ano passado (Quadro I) surgiram diversas colocações por parte dos associados. Eles questionaram, por exemplo, a necessidade de reter capital, a qualidade do gado abatido pela Cooperativa que vem de outras regiões e a eficiência do serviço prestado pela Cooperativa no recebimento e comercialização de seu produto.

QUADRO I - FLUXO DE PRODUÇÃO

	79/80	78/79
<b>Bovinos abatidos</b>	<b>22.829 animais</b>	<b>19.833 animais</b>
- Peso vivo	10.110.724 Kg	8.114.467 Kg
- Peso frio	4.892.936 Kg	4.000.991 Kg
- Rendimento	48,39 %	49,31 %
- Novilhos	79,16 %	59,60 %
- Vacas	20,84 %	40,40 %
- Animais abatidos (peso frio)	33,87 %	36,72 %
- Animais abatidos (peso vivo)	66,13 %	63,28 %
<b>Ovinos abatidos</b>	<b>10.588 animais</b>	<b>1.396 animais</b>
- Peso vivo	33.149 Kg	31.845 Kg
- Peso frio	133.005 Kg	11.845 Kg
- Rendimento	39,92 %	36,35 %
- Capões	22,76 %	-
- Ovelhas	2,21 %	0,72 %
- Cordeiros	57,82 %	99,28 %
- Borregões	17,21 %	-

QUADRO II - CAPACIDADE DE ABATE

Abate médio por dia	150 animais
Camara resfriamento	500 carcaças
Camara congelamento	200 carcaças
Camara estocagem	3.200 carcaças

QUADRO III - PROCEDÊNCIA DOS BOVINOS

Dom Pedrito	42,72 %
Livramento	14,71 %
Rosário	3,37 %
Lavras	2,24 %
Caçapava	0,15 %
Bagé	0,43 %
Região Pioneira	36,38 %

Algumas perguntas os próprios associados se encarregavam de responder. Outras vezes, Eduardo Augusto de Menezes, diretor em Dom Pedrito, prestava os esclarecimentos exigidos. A colocação sobre a importância da capitalização foi feita por alguns associados, que argumentaram ser impossível a cooperativa sobreviver sem capital de giro e que estes 3 por cento descontados para a conta-capital é insignificante em relação aos serviços da Cotrijuí.

Uma das colocações mais discutidas foi sobre a qualidade do gado recebido de outras regiões para o abate em Dom Pedrito, Menezes explicou que este gado é de associados da Cotrijuí na região Pioneira, abatido em Dom Pedrito porque a Cooperativa não tem instalações frigoríficas em outro lugar. Inicialmente, ele recordou, veio muito boi magro para Dom Pedrito, mas hoje, a qualidade do gado que vem da região não fica nada a dever ao da região, porque inclusive há associados em Ijuí, em Augusto Pestana e Santo Augusto que produzem novilho precoce.

E o desvio de produção? É ou-



Uma análise da situação do frigorífico

tro problema sério. Segundo algumas das colocações — não aceita por todos — ela pode ser explicada pela proximidade de outros mercados. Surgiu até mesmo a sugestão de que se utilize ao pé da letra o estatuto da cooperativa, onde existe a obrigatoriedade de entrega da produção.

Uma preocupação muito grande, e natural, foi sobre a remuneração recebida pelo produtor. Até novembro do ano passado, recordou Menezes, a Cotrijuí pagava mais 5 por cento sobre a tabela de preços para os terneiros precoces.

"Mas nenhuma cooperativa pode fazer milagre abatendo apenas 150 cabeças por dia. Acho que deve ser aumentada pelo menos no dobro sua capacidade para poder concorrer no mercado", lembrava um dos presentes.

Foi feito também um esclarecimento sobre o desconto de 3 por cento de quebra de congelamento. Isto aconteceu porque o frigorífico não tem espaço suficiente para estocar carne durante os dois meses de safra, forçando a Cooperativa a estocar parte da produção em câmaras frigoríficas de terceiros.

No final das contas, o pessoal ficou bem convencido que é preciso

discutir mais todos estes aspectos de produção e comercialização da carne. Uma das sugestões foi no sentido de lutar para conseguir uma tipificação de carcaças, com um maior preço para o gado mais novo.

Todas estas colocações justificaram, portanto, a decisão de formar um Conselho, escolhido por voto secreto, para que se continue a estudar os problemas levantados durante a reunião. Formam este conselho os associados Mario Riet Machado, Antonio Candido da Silva Netto, Rivadavia Vicente y Silva, Oscar Vicente y Silva e Francisco da Silva Farinha.

Num encontro que os conselheiros tiveram no dia seguinte, eles definiram quais os assuntos que eles se propõem a aprofundar daqui para a frente. O primeiro tema lembrado foi a conscientização dos demais associados sobre seus direitos e deveres dentro de uma Cooperativa e da própria doutrina do sistema. Os outros pontos são a busca de soluções para os problemas sentidos pelos produtores; aprofundamento do estudo sobre retenção de capital, procurando a melhor maneira de fazer esta retenção ou de descontá-lo no primeiro retorno sobre o produto; realização de uma pesquisa de mercado; estudo de um retorno semestral; visita ao frigorífico para análise da sua situação e condições de operação, para uma possível reestruturação; aprofundamento dos conhecimentos sobre o frigorífico, reunindo o quadro social para a tomada de decisões.

QUADRO V - VALORES PARA LIQUIDAÇÃO DE BORREGÃO

Carcaça	Cr\$ 62,00 p/Kg
Pele	Cr\$ 121,00 p/unidade

QUADRO IV - VALORES P/KG PARA RETORNO DE BOVINOS

Meses	Novilhos	Vacas	Bois Magros	Touros	Conserva
Março/79	6,00	5,50	3,00	2,00	1,00
Abril/79	5,50	5,00	2,75	1,85	0,92
Maió/79	5,00	4,50	2,50	1,69	0,84
Junho/79	4,50	4,00	2,25	1,53	0,78
Julho/79	4,00	3,50	2,00	1,37	0,68
Agosto/79	3,50	3,00	1,75	1,20	0,68
Setembro/79	3,00	2,50	1,50	1,04	0,52
Outubro/79	2,50	2,00	1,25	0,88	0,44
Novembro/79	2,00	1,50	1,00	0,72	0,36
Dezembro/79	1,50	1,00	0,75	0,56	0,20
Janeiro/80	1,00	0,50	0,50	0,40	0,20
Fevereiro/80	0,50	0,25	0,25	0,20	0,12

# AQUI, O PROTESTO

Por três vezes, durante o mês de março, os agricultores da região se mobilizaram para protestar publicamente contra as injustiças das leis que são feitas para os homens que vivem no campo. Na primeira, dia 12, foi apenas em Ijuí, reunindo agricultores deste município. A Assembléia acabou em passeata pelas ruas da cidade, numa demonstração contra a legislação previdenciária.

Mais tarde, dia 21, aconteceu, também em Ijuí, uma grande concentração de agricultores, onde se decidiu levar as máquinas para a rua numa manifestação de protesto contra o confisco. No dia 31, não só em Ijuí mas em várias cidades do Rio Grande do Sul e também no Mato Grosso, os agricultores invadiram as cidades com seus tratores, colheitadeiras e caminhões. Aqui, as fotos que registraram a movimentação do meio rural.

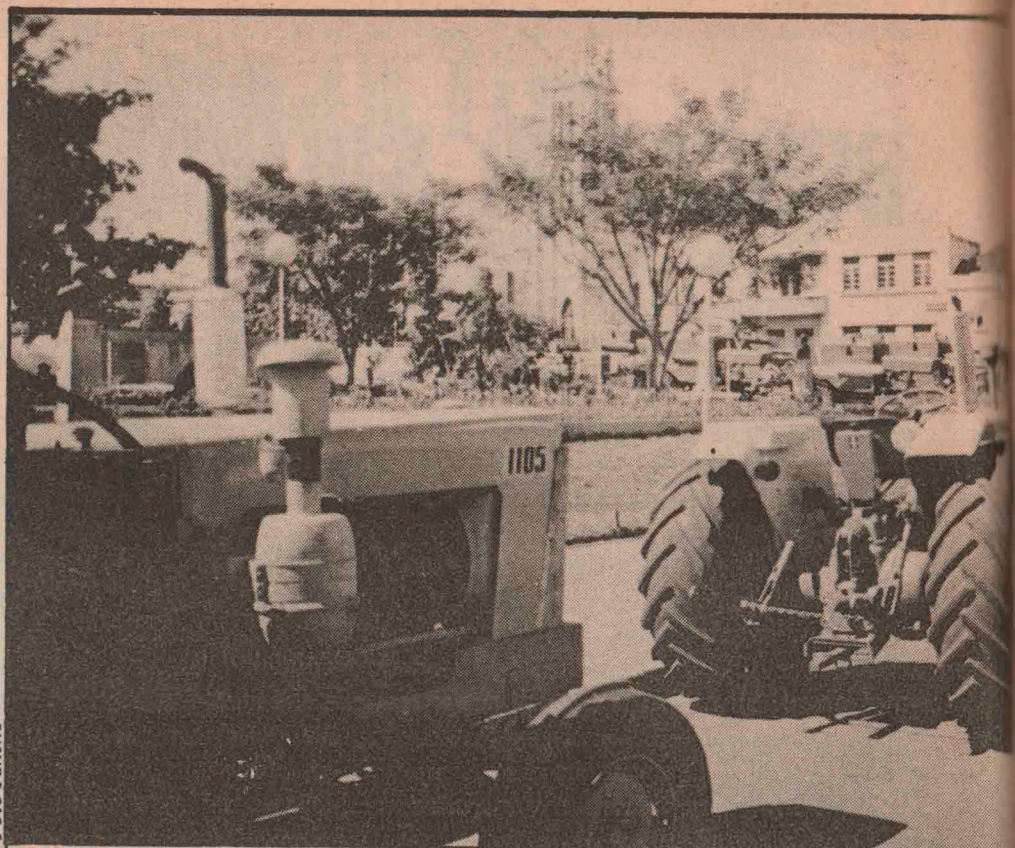


Foto Pancho

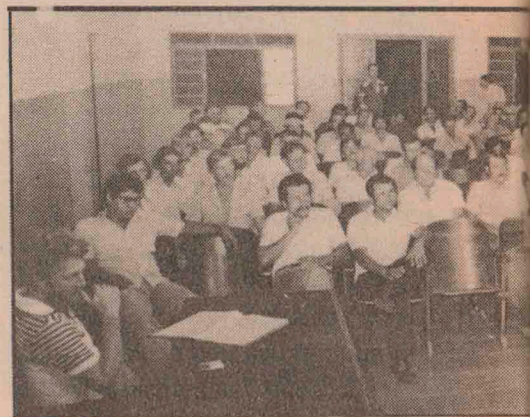
As máquinas, ordeiramente, tomaram as vagas normalmente ocupadas por



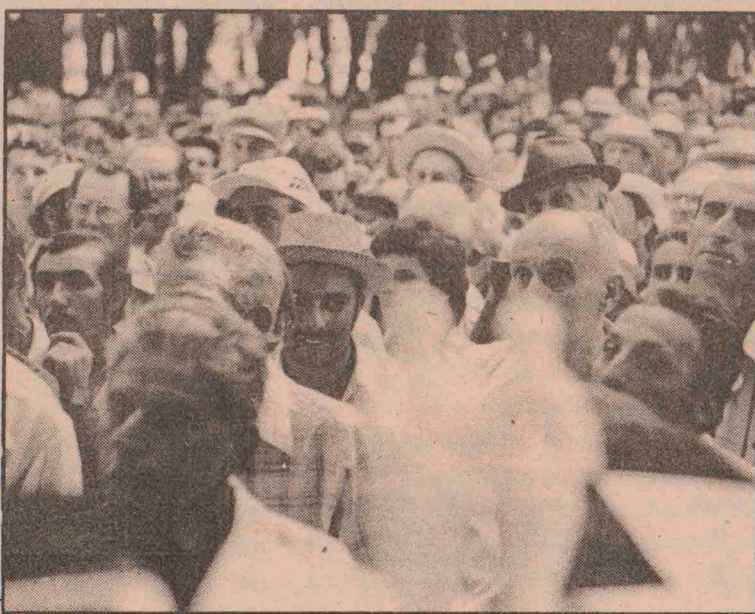
Um boneco esculpido em madeira satirizava Delfim. Foi em Ijuí.



Em São Martinho, a decisão de apoiar o movimento



Nesta reunião, em Maracajú, o mato



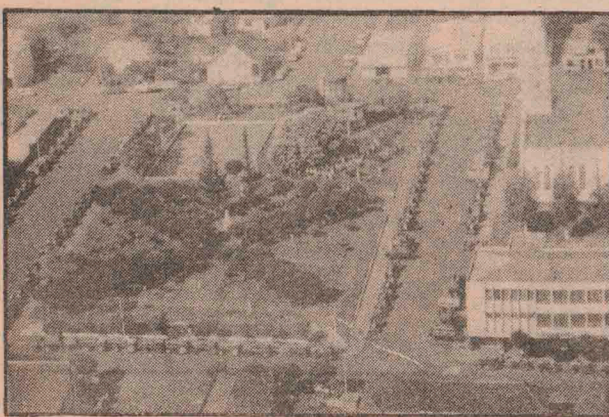
O olhar assustado, a expressão de revolta. Uma das imagens da concentração do dia 21.



O povo se aglomerou



Nas ruas, o protesto também contra a Previdência



A praça de Augusto Pestana foi tomada pelas máquinas



Em Tenente Portela saíram 8 mil pessoas no Dia do Protesto

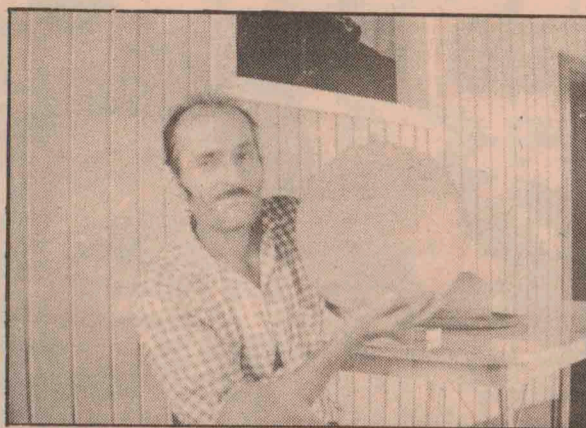


Os braços erguidos, aprovando as formas de



# NÃO É SÓ O MEL QUE CONTA

*A importância da apicultura não fica resumida ao resultado financeiro que o produtor pode esperar em cada colheita de mel. Ela vai mais longe ainda: a preservação do meio ambiente. É uma atividade que pode ser rendosa sem muito trabalho e nem investimentos proibitivos. Mas ela tem lá seus problemas: preço para o produtor, os defensivos agrícolas que matam colméias inteiras e as imitações de mel, que quase tornam o produto desacreditado entre os consumidores.*



Arlindo colheu 700 quilos de mel



As caixas podem durar anos

As abelhas, além de produzirem o mel e a cera, desempenham uma função muito importante na polinização das flores, garantindo, dessa maneira, a perpetuação de várias espécies já quase em extinção, ou então, aumentando a produção de sementes e frutas.

Onofre Kristoschik, morador lá da Linha 16, em Ajuricaba, vê a sua criação de abelhas sob esse ângulo: preservação do meio ambiente.

— Eu sei que os bichinhos desempenham uma função muito importante na fecundação das flores, mas ao mesmo tempo eu tinha um medo danado de lidar com as abelhas.

Já fazia algum tempo que Onofre andava com vontade de se dedicar à apicultura, mas lhe faltava a coragem.

— Em julho do ano passado, criei coragem, fui na cidade e comprei duas caixas de abelhas dessas africanizadas, por sinal muito mansas. De lá prá cá, comecei a pegar enxames de abelhas pelos matos e hoje a apicultura é para mim um passatempo. Gosto de tirar uma meia hora por dia para dar uma olhada nos bichinhos, limpar as caixas.

Todo orgulhoso, Onofre mostra as suas 14 colméias de abelhas em suas casinhas pintadas de azul, religiosamente colocadas uma ao lado da outra. Mesmo criando abelhas sem visar especificamente o lucro, Onofre não deixa de lado a possibilidade de considerar a apicultura como mais uma opção econômica, embora em seus 28 hectares dê maior atenção às lavouras de soja, milho e à suinocultura.

— Não deixo de ver a apicultura como uma atividade rendosa, mas não sou dependente dela. É claro que o dia que colher mel, também vou vender e fazer algum dinheiro.

Mas nem todos os apicultores têm o mesmo pensamento. Seu Frederico Ketzer, lá da Linha 15,

também em Ajuricaba, por exemplo, vive quase que exclusivamente da apicultura. De seus 5,5 hectares de terra, apenas 3,5 são cultiváveis. Mas ele ainda planta um pouquinho de milho — duas safras por ano utilizando adubo orgânico — cria porcos, galinhas e tem um pequeno açude onde cria uns peixes. Às abelhas ele dedica seu maior tempo, envolvido que fica com as 26 colméias:

— Venho me dedicando à apicultura há uns 16 anos, mas somente de uns dois anos para cá é que comecei a caprichar e a levar a coisa a sério. Antes eu tinha as abelhas em caixas comuns, feitas por mim, mas que duravam no máximo uns dois anos. Agora comecei a caprichar e só compro caixas prontas, pintadas, que duram muito mais tempo. Até mudei as abelhas de lugar. Antes eu deixava as colméias no meio do mato, assim, meio descuidadas.

Arlindo Piesanti, da Linha 17 também vem se dedicando à apicultura “desde piá”. “Gosto de trabalhar com as abelhas. Tudo é só uma questão de prática”.

## PREÇO DO MEL: DESGOSTOSO

Mas nem tudo anda bem para o lado dos apicultores. A última safra de mel não foi das melhores e o preço baixo deixou os apicultores um tanto desanimados, como diz seu Frederico Ketzer.

— Ando muito desgostoso com o preço que a Cooperativa pagou pelo mel. Ainda tenho uma esperança de que venha um retorno. Até no ano passado o preço tava bem melhor que este ano.

No ano passado, a Cooperativa pagou Cr\$ 68,00 pelo quilo de mel, mais os descontos de 3 por cento de capitalização e 2,5 por cento para o Funrural. “No final deu uns Cr\$ . . . 64,00”. Já esse ano a Cooperativa pagou Cr\$ 75,00 o quilo, retendo 3 por cento de capital, 2,5 por cento de Funrural e mais 3 por cento de mão-de-obra utilizada para a emba-

lagem do produto.

— Não concordo com esses 3 por cento destinados à mão-de-obra. Acho que é demais.

Seu Frederico explica que há 10 anos vem comprando material para construir uma casa. “Comecei a construção há um ano e agora tive que parar porque faltou dinheiro”. Pensei que o mel ia render um pouco mais.

Nesta última safra, seu Frederico colheu 450 quilos de mel de 21 colméias. No ano passado, de apenas 15 colméias, ele colheu um total de 468 quilos.

— É prá ver como o mel deu pouco e ainda tem gente que andava dizendo por aí que haveria uma superprodução de mel.

Na verdade, o preço pago pela Cooperativa e considerado baixo pelos apicultores, “é o reflexo de comentários de que haveria uma super-safra de mel”, explica. Na realidade os apicultores afirmam que esta última safra foi fraquíssima.

— Nunca vai existir uma superprodução de mel. Se houvesse superprodução, nós não estaríamos importando. Na verdade o que existe são interesses de terceiros manipulando o negócio e que não desejam que a apicultura se desenvolva para não prejudicar os seus negócios.

Seu Frederico explica ainda que a alegação que recebeu pelo preço baixo, foi de que a competição no mercado era muito grande.

— A maior parte desse mel que existe no mercado é falsificado. É claro que a gente reconhece que o consumidor muitas vezes não tem condições de comprar um quilo de mel puro ao preço de Cr\$ . . . . . 100,00. E, em função do preço, ele prefere comprar um xarope que é mais barato.

Já Onofre não se preocupa muito com o preço do mel:

— Olha, quanto mais alto o preço, melhor, mas acredito que uns Cr\$ 70,00 por quilo tá muito

bom. Eu ainda não colhi mel, porque é a primeira vez que crio abelhas, mas não é um negócio trabalhoso.

Arlindo Piesanti foi um dos apicultores que mais colheu mel este ano. “Colhi uns 700 quilos”. Só que seu Arlindo entregou apenas 130 quilos na Cooperativa. Do que sobrou, alguns quilos foram vendidos na cidade por um preço bem mais alto e o outro tanto ainda está guardado, esperando um preço mais elevado.

— O preço que a Cooperativa tava pagando era muito baixo, por isso, preferi vender por fora. A procura do mel puro é muito grande e nunca vendo por menos de Cr\$ 80,00, livre. E o preço já anda por volta de Cr\$ 100,00. Lá pelo mês de maio, vou conseguir vender por um preço de Cr\$ 120,00.

Seu Arlindo é outro que lamenta que as pessoas se deixem enganar por falsificadores. “Dá muito bem para o consumidor desconfiar de um produto oferecido à porta de sua casa por um preço baixo. Na verdade, a gente reconhece que pelo preço, o mel puro está se tornando um produto de elite, mas eu pergunto: hoje quem é que está comendo carne? Tudo está tão caro.

## FALTA DE INTERESSE

O preço do mel não é o único problema dos apicultores. O mais grave deles é o inseticida nas lavouras, somado a falta de incentivo financeiro para que a apicultura se desenvolva como uma opção econômica para o pequeno agricultor.

“Até acho”, comenta seu Frederico Ketzer, “que o problema da falta de um financiamento que auxilie nos melhoramentos ou na compra de materiais, é maior que os preços baixos. Não temos financiamento para melhorar nossas colméias. Agora o problema é que os financiamentos sempre têm juros muito altos”.

Não é só seu Frederico quem

reclama da falta de interesse com relação a apicultura. Seu Arlindo também faz a mesma reclamação e ainda sugere que a Cooperativa "tenha mais iniciativa e demonstre maior interesse pela apicultura. Para o pequeno produtor a apicultura é uma opção econômica. Ao lado de seus suínos, de pequenas lavouras de milho, de galinhas, ele está investindo em abelhas".

**MATERIAL CARO DEMAIS**

Uma outra queixa, não só de seu Frederico, mas também de outros apicultores é quanto a falta de material ou então de seus preços elevados. "Muitas vezes temos que ir a Porto Alegre buscar lâminas de cera. Já o material que pode ser encontrado na região, principalmente em Ijuí, é caríssimo. Uma caixa de abelha, de madeira, que é mais comum, por exemplo, está custando nada menos do que Cr\$ 1.200,00. "Se houvesse interesse da Cooperativa, comenta Onofre, ela poderia adquirir o material necessário — caixas, lâminas, centrifugadores, garfos, fumegadores e outros e colocar à venda nos mercados de suas Unidades. Seria uma maneira de controlar os preços.

**INSETICIDA: O PIOR DOS MALES**

Na verdade o problema mais sério que os apicultores vêm enfrentando nos últimos anos está relacionado com a aplicação de inseticidas nas lavouras de soja. A abelha tem dois grandes inimigos: o veneno em pó e o avião — pulverização aérea. Frederico Ketzer, que já teve muitos de seus enxames eliminados pela aplicação de inseticidas em lavouras vizinhas, diz que falta no agricultor uma maior conscientização do perigo da aplicação de venenos em pó ou então da pulverização aérea.

— Ao lado da falta de conscientização, existe falta de colaboração. Essas pulverizações já mataram colméias inteiras. Se a abelha morre na lavoura, ainda não é nada. O pior é quando ela volta para a colméia, consegue entrar e mata todo o resto. Se perde o enxame e o mel. Ninguém vai querer colher um mel que pode estar contaminado.

A mesma reclamação é feita pelo seu Onofre. "O que morre de abelhas, quando há aplicação de inseticidas, dá para encher um chapéu". Esse ano os apicultores tiveram um pouco mais de sorte, porque as aplicações de venenos em pó



Frederico: não existe superprodução nas lavouras foram raras.

— Tem vezes, explica seu Arlindo, proprietário de 20 colméias, que dá vontade de largar tudo. Até antes da soja, tudo vai muito bem. Quando começam as aplicações de inseticidas nas lavouras, as abelhas começam a morrer. Prá mim, o maior inimigo da abelha é o avião. Quando um avião pulveriza uma lavoura aqui por perto, dá vontade de chorar pela quantidade de abelhas que morrem.

**A SOJA, UM MAL NECESSÁRIO**

Embora a lavoura de soja seja,



Onofre: entrando na apicultura

indiretamente, a culpada pela mortandade de abelhas, os próprios apicultores dizem que ao mesmo tempo, ela é responsável pela maior produção de mel. O próprio seu Arlindo diz que este ano não dá mais mel, porque já não existem mais flores.

— Tirando a soja, com a vegetação escassa que temos na região, o mel mal daria para a sobrevivência. A verdade é que se não fosse a soja, não haveria condições de criar abelhas. Nós só temos mel depois da floração da soja.

# Sem flor não há mel

Juarez Genro, técnico da Unidade de Ajuricaba, que até há pouco tempo supervisionava a criação de abelhas naquela região, lamenta que apicultura não seja encarada, pela própria Cooperativa ou outras entidades, como uma saída ou uma opção para a diversificação. "Quase ninguém acredita na apicultura como uma atividade econômica e por isso não lhe é dada a devida atenção".

A atenção, segundo explica Juarez, não deve ser encarada somente pelo lado econômico, "mas também pelo lado ecológico, em função da polinização. Não devemos esquecer que a abelha tem uma grande influência na polinização da própria soja".

Com relação ao problema inseticida, Juarez lembra que existem produtos no mercado que não são tóxicos e nem causam problema as abelhas. "É uma pena, que, muitas vezes, por desconhecimento da importância das abelhas na preservação do meio ambiente, sejam indicados produtos que exterminem colméias inteiras.

**DESCRÉDITO DO MEL**

O elevado índice de falsificação de mel ocasionou um descrédito do produto. "O consumidor tornou-se um desconfiado de tanto comprar mel adulterado". Para recuperar o prestígio do mel, "é necessário uma entidade que garanta a sua qualidade, que venda um rótulo que especifique a qualidade do produto". Em função do mel falsificado vem a concorrência desleal. "O mel falsificado, ou melhor, o xarope, por sua baixa qualidade, pode ser vendido a preço de açúcar".

**PASTAGEM MELÍFERA**

Todo o apicultor deveria cultivar

pastagem melífera, "nem que fosse só um quadrinho", para evitar a dependência da soja. "Seria interessante que cada agricultor cultivasse alfafa, trevo ou até mesmo um pedacinho de colza, para preencher o espaço sem floração que se estende até o mês de setembro". Mas Juarez faz um alerta com relação a colza: é preciso ter muito cuidado porque se for feita uma aplicação de inseticida na colza, ela pode matar abelhas num raio de 5 quilômetros, ainda mais que a colza é um atrativo de abelhas".

Juarez faz uma estimativa de quanto se poderia produzir de mel na região de Ajuricaba. "Nessa região existem 30 mil hectares de soja, se houvesse 3 colméias por hectare, teríamos um total de 90.000 mil colméias. Se cada colméia produzisse 10 quilos de mel, teríamos uma produção final de 900 mil quilos de mel, ao preço de Cr\$ 75,00 o quilo, quanto isso representaria, se houvesse uma comercialização em massa?"

Mais uma vez Juarez destaca a importância da abelha na polinização da soja, dizendo que a mesma tem uma influência de até 8 por cento na fecundação da soja. "E o que isso representa? Alguém já se deu conta? Outro exemplo é a alfafa. Ela não produz sementes se não existem agentes externos polinizadores e um desses agentes, facilmente cultiváveis, seriam as abelhas".

Sem uma boa florada, como lembra um outro técnico da Cooperativa envolvido na apicultura, o agrônomo Hélio Ito Pohlmann, não há como favorecer a produção de mel. Agora, ele conta, não existe melhoi flor que as de árvores, que estão

bem mais protegidas que as flores de plantas de lavoura (soja, colza, alfafa, trevo...)

**OS CUSTOS**

É também o Hélio, que coordena a área de hortifrutigranjeiros na Cotrijuí, quem explica as razões da Cooperativa realizar tantos descontos no recebimento do mel, especialmente aqueles 3 por cento de embalagem que são reclamados por seu Frederico:

— O mel, nem é quase preciso dizer, é um produto muito pegajoso e se perde quantidades razoáveis de produto ao transferir para a embalagem final de comercialização.

O Hélio também concorda que existe pouco incentivo à apicultura, onde o maior custo de produção é o operacional. Está certo que não é lá tão barato o material exigido para a produção de mel. Mas ele também dura por vários anos. O mais caro é o equipamento de colheita:

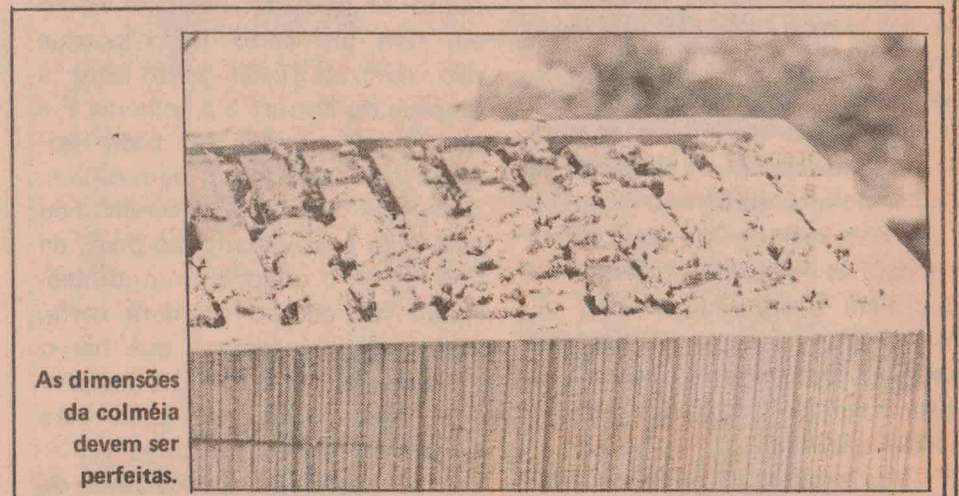
— Mas este, normalmente, é usado

em conjunto por um grupo de apicultores. Não existindo prazos fixos para a colheita do mel, porque se não colhe hoje dá para colher amanhã ou depois, não é preciso que cada apicultor adquira o centrifugador empregado nesta atividade.

Uma coisa que o Hélio alerta aos produtores que pensam em iniciar na apicultura é sobre o cuidado que deve existir na construção das colméias:

— A colméia é bastante meticulosa nas suas dimensões, pois se elas não são certas pode não servir o caixilho onde as abelhas fazem o favo. Af as formigas e traças podem atacar a colméia e estragar toda a produção. É preciso existir circulação de abelhas em todos os pontos da colméia para que as pragas não a ataquem.

Ainda em termos de custos de implantação de um apiário além do equipamento para colheita é de se considerar as colméias, que representam um valor alto, mas que podem ser financiadas como investimento, e pagar com o resultado das safras posteriores.



As dimensões da colméia devem ser perfeitas.

# DÁ TRABALHO MAS COMPENSA

*O pequeno produtor pode encontrar no alho uma opção de cultura de inverno. Trabalhosa, é verdade, mas também proporcionando um bom retorno no final da safra.*

Com a euforia da soja, grande parte dos agricultores abandonaram de vez suas pequenas plantações. As hortas caseiras, por exemplo, foram deixadas de lado. Raros foram os agricultores — e eram quase sempre os pequenos — que continuaram com o hábito de conservar nos fundos de seus quintais, que não eram lá muito grandes, uma pequena horta caseira. Nessas hortas podiam ser encontrados pés de alface, repolho, couve, cenoura e até um canteiro de alho. Meio escondido e até às vezes esquecido. Desse alho bem comum. Plantado só para o gasto e para a semente. Quando sobrava um pouco mais, o agricultor tentava vender na cidade. Às vezes vendia tudo, outras vezes não vendia nada.

Esse quadro não mudou muito nos últimos tempos. Só que o canteiro de alho ganhou uma área maior e não faz mais parte da horta. O agricultor deixou de plantar alho somente para o consumo e passou a plantar alho também para comercializar. Dizem até que já dá para ganhar um bom dinheirinho com a lavoura. Plantar alho, segundo esses agricultores, é melhor do que plantar trigo e até mesmo a soja. "A gente não investe tanto dinheiro na lavoura. Só se paga o financiamento e o resto é lucro".

De uns tempos para cá, a Cotrijuí começou a incentivar a lavoura de alho através de assistência técnica, organização comercial e financiamento ao plantio. É claro que no início o agricultor começou um pouco receoso. E o começo não foi nada fácil. O primeiro ano foi de frustrações e o dinheiro andou meio curto. Mas era o primeiro ano e o agricultor, que não se assusta por tão por pouco, resolveu continuar com a lavoura. Nesse primeiro ano, apenas 42 agricultores arriscaram no alho. Já no segundo, o número de agricultores que começou a apostar no alho aumentou para 110 e, este ano, mais de 200 agricultores já andam às voltas com a lavoura de alho. Para a safra desse ano, serão plantados mais de 55 hectares somente com alho. O valor dos financiamentos passa de Cr\$ 2 milhões e 800 mil.

Mas será que na verdade o alho dá dinheiro? E os custos da lavoura,

como será que andam? Será que na verdade vale a pena plantar alho? Outra coisa: e o preço? Será que satisfaz o agricultor? A primeira vista o agricultor se mostra eufórico e satisfeito e até está procurando aumentar a sua área de alho. Mas conversa vai, conversa vem, se nota que tem uma coisa que anda deixando o produtor de alho meio acabrunhado, meio sem graça: o preço do alho.

## UM PREÇO NADA COMPENSADOR

O agricultor Domingos Bilibio, lá de São Miguel gosta de falar de sua lavoura de alho.

— É uma lavoura que não tem mistério. Pode ser plantada até na resteva da soja. O alho para mim não é novidade, sempre tive um canteirinho desse alho comum que servia para o gasto e para semente.

Seu Domingos plantou no ano passado 80 quilos de alho e colheu 1.300 quilos. Explica que gastou uns Cr\$ 9 mil de financiamento e o resto foi lucro.

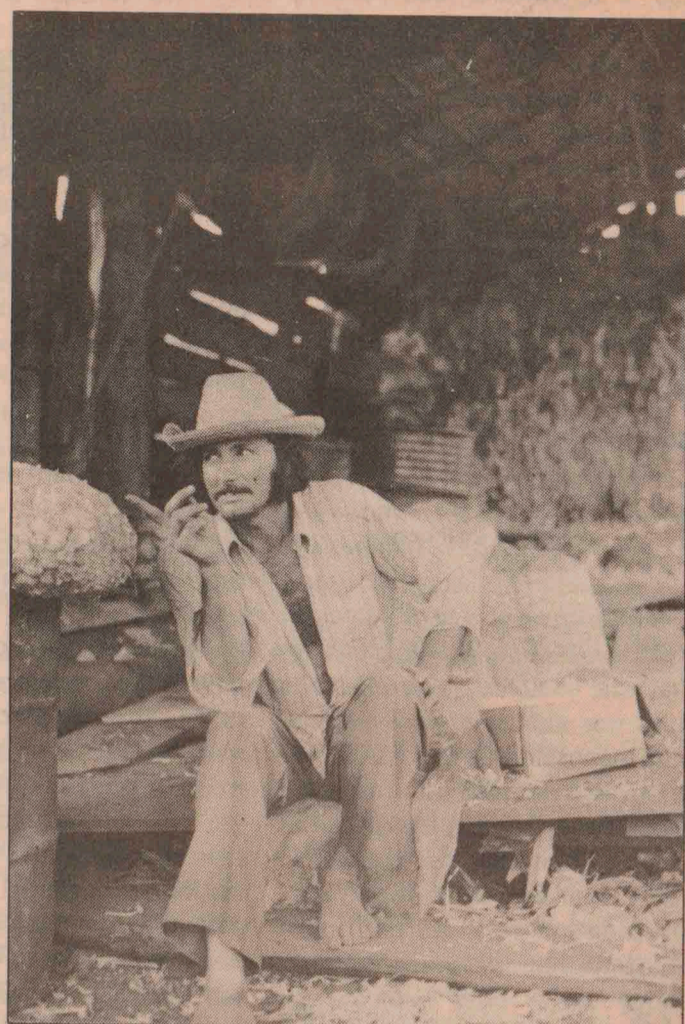
— Deu mais que o trigo. Com o alho, o dinheiro deu para pagar o financiamento da cooperativa e ainda sobrou um pouco. Com o trigo, ainda estou pendurado na cooperativa.

Este ano seu Domingos vai plantar 100 quilos de alho, mas somente 60 quilos serão financiados. Porém, nem tudo está bem e tem uma coisa que não está agradando ao seu Domingos:

— O preço não é nada compensador. A gente sempre acha que vai receber um pouco mais na hora da colheita, mas depois tem os padrões, a quebra, e os preços variam muito. O agricultor pequeno, como eu, tem um certo lucro porque não contrata peão para fazer a limpeza da lavoura e a colheita. É a família mesmo que faz tudo isso. Nesse caso, ele dá um bom dinheirinho de lucro. Eu vendi meu alho para a cooperativa ao preço de Cr\$ 34,00 o quilo. Foi um dinheirinho que chegou na hora certa. Agora não sei como é que fica o produtor que tem lavoura maior e que precisa contratar peão para a limpeza da lavoura e colheita...

Já Leonildo Gabbi, vizinho de seu Domingos, preferiu apenas dizer

Nelson:  
o alho é  
a planta  
mais segura  
que existe



que o preço do alho foi razoável.

— Não tenho muita experiência porque é a segunda vez que planto alho. Costumava plantar sempre um canteirinho para o gasto, mas mesmo assim achei que o preço pago pela cooperativa foi razoável.

Leonildo plantou no ano passado 150 quilos de alho e colheu apenas 1.080 quilos. "Não fui muito bem por causa da chuarada, mas deu para pagar o financiamento de Cr\$ 17 mil e ainda sobrou um dinheiro".

## BARATO DEMAIS

Outro produtor a reclamar do preço é Nelson Ângelo Cossetin, também de São Miguel.

— Tá barato demais o preço que a cooperativa nos paga. Para falar a verdade, esse preço quase não compensa a gente plantar. Acho que o agricultor não tem a culpa se a cooperativa fez um mau negócio vendendo o alho por um preço baixo. É claro que a gente entende e reconhece que o alho não pode ficar por muito tempo estocado, porque ele chocha e então os prejuízos seriam ainda maiores.

Nelson, que já anda às voltas com a lavoura, pretende plantar este ano uns 200 quilos de alho, sendo que 50 são de semente própria e, portanto, sem financiamentos. Na safra passada, ele plantou 150 quilos e colheu 1.013 quilos.

— Não fui muito feliz com a minha lavoura, mas deu para pagar o financiamento. Como a gente não investe em máquinas, combustível, só se paga o financiamento, sempre

sobra um bom dinheiro. É sob esse ponto de vista que eu acho que é válido plantar alho. Plantar trigo é ainda pior. Além de não dar, o preço não compensa e se investe muito na lavoura e o agricultor fica sempre atolado nas dívidas.

Já com o alho, segundo Nelson, não acontece a mesma coisa e sempre dá alguma coisa:

— Até comentei na última reunião com os produtores que hoje o alho é a planta mais segura que existe, porque vai embaixo da terra e não pesteia, a não ser que dê uma chuarada que nem o ano passado. Aí então o alho vira numa "imun-dície".

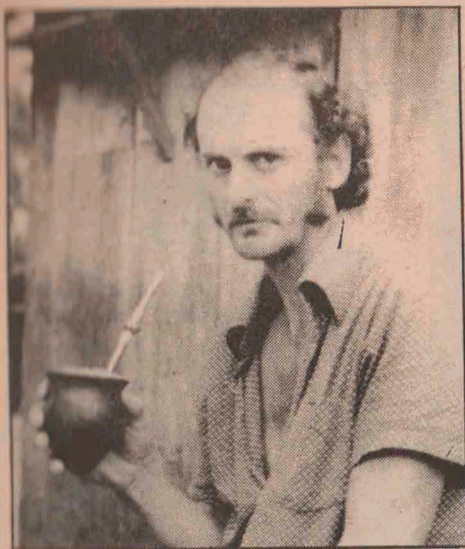
Para não perder muito tempo, Nelson vai conversando e debulhando a semente que deverá ser plantada dentro de alguns dias. Conversando, ele conta como é que foi a sua lavoura no ano passado.

— A lavoura tava uma beleza. Linda mesmo. Aquelas folhas enormes, bem verdes dava gosto de olhar... mas na hora de colher, a cabeça só tinha palha e o que tinha dentro da palha tava podre. Não sei se foi o adubo foliar que fez com que só as folhas crescessem... ou se foi a chuarada mesmo que estragou a lavoura.

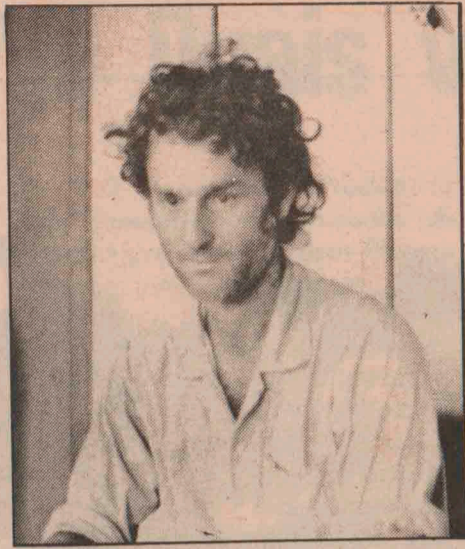
Mas quem também não gostou nenhum pouquinho da aplicação do adubo foliar feita na sua lavoura, foi Leonildo Gabbi.

— Não fiquei satisfeito com os resultados da aplicação do adubo foliar. Só fazia crescer as folhas e a cabeça do alho era só palha. Fiz uma experiência com um cantinho, onde não apliquei o adubo e a cabeça do alho era muito melhor.





Domingos: o preço deve melhorar



Leonildo: peneirar é chato

Até me parece que este ano não está sendo mais recomendado a aplicação de adubo foliar porque não deu muito certo. Os resultados não foram nada bons. Parece que este ano vamos fazer aplicação de uréia.

**SEMENTE: MELHORAR A QUALIDADE**

Um outro problema levantado pelo agricultor Nelson Cossetin, é quanto a variedade das sementes aqui produzidas:

— O alho produzido em Minas Gerais, por exemplo, é de melhor qualidade que esse nosso e, conseqüentemente, tem um melhor preço no mercado. Não sei que variedades são plantadas lá, mas acredito que elas bem que poderiam ser introduzidas aqui.

Como a maioria dos demais produtores de alho, Nelson também planta alguns quilos de alho comum. E diz que se sai muito bem.

— No ano passado plantei 6 quilos dessa semente comum e colhi 148 quilos que foi comercializado e mais 30 que guardei para semente.

**O CHATO É PENEIRAR**

Plantar alho é muito fácil, dizem os agricultores. O pior é colher e limpar de acordo com o padrão exigido pela cooperativa. Depois de colhido, o alho é classificado em 5 padrões diferentes, ou melhor, em 5 tamanhos diferentes, que vão desde o bulbo bem pequeno até o maior.

— Esse tipo de classificação, comenta Leonildo Gabbi, é bem chata, apesar de ser feita através de uma peneira. O ideal seria que a classificação fosse dividida em apenas 3 padrões. Assim evitaria a debulha e também se pouparia trabalho, se bem que o alho tem a vantagem de dar em época que não há serviço.

Leonildo reclama ainda do tamanho da peneira: “não sei porque uma peneira para uma cabeça de alho tão grande”.

— É o caso dos preços. O ano passado os preços variavam de Cr\$ 30,00 a Cr\$ 45,00 e a média ficava em torno de Cr\$ 34,00 por quilo. Como acredito que não existe alho com bulbo tão grande dentro do pa-

drão 5, também não existiu o preço de Cr\$ 45,00. Pelo menos não tenho conhecimento de que alguém tenha recebido Cr\$ 45,00 por um quilo de alho.

Já seu Domingos Bilibio, pensa um pouco diferente e acha que esse tipo de classificação é a melhor que existe.

— É claro que dá um bocado de trabalho, porque a gente sabe que o alho é um serviço sujo. No começo é muito difícil, mas depois a gente acostuma e o certo é que não podemos deixar o alho graúdo com miúdo. Um vale mais que o outro.

E é aí que seu Domingos diz que a tal peneirinha ajuda muito. “No começo é meio difícil, mas depois a gente acostuma e acaba gostando, ainda mais se pega uns dias chuvosos como no ano passado”.

Mas quem também não vai muito com a tal peneirinha é Nelson Cossetin.

— Esse tipo de classificação, apesar de ser trabalhosa para nós, facilita bastante a cooperativa na hora de vender o produto. A gente classifica mais ou menos, meio a olho. No início se usa a peneira, depois vem a prática.

**PAGAMENTO ATRASADO**

Quando o agricultor tem uma chance de falar de suas queixas, ele aproveita porque pode não aparecer outra pela frente. Leonildo Gabbi, com seu jeito manso de falar, diz que além do preço e da aplicação do adubo foliar, tem outra coisa que lamenta: o atraso no pagamento do produto pela Cooperativa.

— Entreguei a minha produção em duas etapas, mas as duas em novembro. Logo em seguida, a Cooperativa nos pagou o valor do financiamento e o resto do dinheiro, que seria o nosso lucro, só recebemos em março desse ano. Não sei se é esse o sistema da Cooperativa, mas não acho isso muito certo.

Mas mesmo assim, os produtores de alho carregam suas esperanças que este ano não seja muito chuvoso, para não apodrecer a planta na terra e que o preço do alho no mercado melhore bastante.

**Organizando a produção**

A Cotrijuf está recebendo alho em escala comercial, em todas as suas unidades, a partir desse ano. No ano passado, tudo o que o agricultor produziu foi guardado para semente.

Quem fala sobre o assunto é o agrônomo Hélio Ito Pohlmann, responsável pelo Setor de Hortigranjeiros. A primeira coisa que Hélio comenta é a classificação. “Existem dois tipos de classificação. Um deles, que é o utilizado pela Cooperativa, é por tamanho, que é dividido em 5 classes”. O outro tipo de classificação é por tipo, ou melhor, leva-se em conta a qualidade do produto. “Esse tipo de classificação nós não utilizamos porque o mercado não nos exigiu. A classificação levando-se em conta a qualidade do produto, está diretamente ligada ao aspecto do produto e é indispensável quando se quer comercializar o produto “in natura”, que serve para o consumo. Todo o atacadista comprador é muito exigente neste aspecto. O nosso produtor de um modo geral é bastante contra essa classificação utilizada pela cooperativa por ser considerada bastante trabalhosa”. Na classificação por tamanho, o agricultor tem que separar bulbo por bulbo. Os maiores dos menores. “Mas é uma operação da qual não podemos fugir, desde que desejamos entrar de vez no mercado”.

**DESCONTOS**

Embora o produtor não reclame muito dos descontos, esse ano a Cooperativa deu um desconto de 7 por cento no produto para o comércio e 10 por cento no produto para semente. “Esse desconto foi feito para prever quebras de armazenagem”, explica Hélio. “Na prática se verifica que tendo vários lotes juntos, a quebra sempre é superior a 10 por cento”. Essa quebra na opinião de Hélio é causada por 3 fatores: o produto ainda não estava suficientemente curado, deficiência de adubo (principalmente o boro) e alta temperatura nos locais de



Hélio: lavoura de pequeno

depósitos.

“Todos esses fatores deverão ser corrigidos à medida que o processo da cultura vai se desenvolvendo e se consolidando na região. Os problemas só diminuirão à medida em que as coisas também vão melhorando”.

A produtividade das lavouras de alho do ano passado, também não foi das melhores. As lavouras se desenvolveram de maneira irregular. Uma tiveram baixa produtividade e outras alta produtividade. A lavoura de alho foi prejudicada em parte pelas chuvas e também pela não observação de detalhes de condução da lavoura, como o encanteiramento. “Infelizmente essa técnica não foi utilizada como regra geral. O produtor plantou como lavoura, apesar do encanteiramento ser bastante recomendado. Por outro lado, continua explicando Hélio, entende-se a reserva do agricultor nesse aspecto, porque realmente a maior parte, em função da pequena área utilizada para essa cultura, não dispõe de equipamentos adequados para essa operação”.

**E O PREÇO?**

O nosso preço médio, explica Hélio, considerando as diferentes classes se situa em torno de Cr\$ 35,00 por quilo, mas que na verdade é exatamente a cotação do produto no mercado internacional, ou seja, em torno de 0,70 dólares por quilo”.

Na verdade, esse preço foi considerado baixo pelos produtores. “Até certo aspecto essa reclamação dos produtores é aceitável. Mas é necessário que, em primeiro lugar, se procure melhorar as condições da lavoura para se obter uma produtividade melhor e mais rendosa. Por exemplo: se alcançando a produtividade de 4,5 quilos por hectare que é plenamente viável e muitos até já atingiram, teríamos nesse valor, uma receita bruta de Cr\$ 140 mil por hectare”.

Outro aspecto levantado por Hélio é quanto a liquidação do produto. “Essa liquidação só pode ser feita após a comercialização de todo o produto. A semente é comercializada em fevereiro/março/abril e então somente após essa data é que se pode dar o preço final”. Esse ano a liquidação foi feita em fins de fevereiro porque a semente já estava toda comprometida. “Se assim não tivesse acontecido, a liquidação não poderia ter sido feita, como acontece com as demais culturas de inverno, exceto o trigo”.

**O ALHO, SÓ PARA PEQUENOS**

De vista, o agricultor está bastante eufórico com a lavoura de alho e até já anda comparando com o trigo. “A comparação, afirma Hélio, é válida, mas só para pequenos produtores, porque temos que ter presentes uma realidade: é impossível substituir toda a área de trigo por alho, em função do próprio mercado. Temos o alho como uma alternativa de inverno, mas válida apenas para o pequeno produtor”.

# O IMPORTANTE É A QUALIDADE

*O produtor de semente se preocupa em purificar pequenas áreas de lavoura, tirando pé por pé de planta de outras variedades, controlando as flores e as vagens da soja que plantou para colher semente. É um trabalho que exige cuidados redobrados com a lavoura, mas feito com a consciência de que mais vale colher semente de qualidade do que semente em quantidade.*

De uns tempos para cá, cerca de dois anos ou um pouco mais, o agricultor começou a se conscientizar de que o importante não é obter grande quantidade de sementes, mas sementes altamente qualificadas. Um dia o agricultor olhou para a sua lavoura de sementes, cheia de florzinhas brancas, azuis ou cor-de-rosa e chegou a conclusão que a semente que ele havia plantado estava muito misturada. E o que fazer para melhorar a qualidade da semente? Pensou e achou que a solução era a purificação. E, desde então, alguns agricultores começaram a fazer experimentos. É claro que o trabalho de purificação de sementes não é nada fácil. Exige muito trabalho e cuidados redobrados com a cultura, por isso a necessidade de se começar com uma área pequena.

No sentido de que a semente produzida seja sempre de excelente qualidade, o próprio Conselho de Sementes, formado por agricultores produtores de sementes, resolveu alterar os padrões de sementes, numa reunião do ano passado. A antiga tabela, que vigorou até a safra 78/79, admitia padrão até o número 5. "Agora, diz o agricultor Ênio Tiecher, do Alto da União, foi criada essa nova tabela com padrão até o número 3, para que o agricultor seja mais caprichoso com a sua lavoura e obtenha na sua produção uma semente mais limpa, mais pura".

Outro agricultor que fala sobre a nova tabela é Alfredo Wielens, lá do Rincão dos Góis, em Ijuí.

— É claro que essa nova tabela só vem melhorar a qualidade da semente. Aliás, a criação de tabelas com padrões diferentes para receber a bonificação foi uma boa idéia. Antes, quando não havia padronização, aquele produtor que cuidava da lavoura, era caprichoso, pegava sempre a mesma bonificação daquele produtor mais descuidado, que apresentava sementes com muita mistura.

Na verdade a tabela de padronização veio incentivar o produtor de sementes. Assim ele sabe que se colher um produto de qualidade boa, o seu preço será melhor.

## MELHORAR A QUALIDADE

Ênio Tiecher vai mais longe e diz: um dia, quem sabe, toda a nossa semente não esteja enquadrada no padrão 1? Se nós resolvemos modificar a tabela foi com o objetivo de melhorar a qualidade. Nós queremos obter semente de boa qualidade. Até agora, nos preocupamos mais em atacar o feijão miúdo, que felizmente já está praticamente eliminado."

Depois do combate ao feijão miúdo, a maior preocupação, conforme falou Ênio, deve estar voltada para o combate da mistura varietal. "Por essa razão muitos agricultores já estão partindo para a purificação de variedades consideradas problemáticas".

Ênio juntamente com seu pai, seu Olinto, estão fazendo purificação da variedade Bragg pela segunda



Nos Tiecher a preocupação com o capricho

vez.

— Nós decidimos purificar a variedade Bragg, explica Ênio, porque todos os anos era a mesma coisa: a gente cuidava e limpava o que podia a lavoura, mas na hora da classificação sempre aparecia mistura. Começamos com um canteirinho de Bragg. Já este ano aumentamos um pouco a área de experiência, utilizando 3 quilos de semente purificada e 3 quilos de semente normal.

Dona Loni Tiecher, que acompanha o marido e o filho nas lidas da lavoura, anda muito contente com as experiências e mostra que é muito fácil se notar a diferença entre as plantas de sementes purificadas e as de semente normal: "a planta de semente purificada é uniforme".

Sempre que sobra um tempinho, Dona Loni vai dar uma olhadinha na lavoura. Também ela está preocupada com a qualidade da semente. "A mistura em determinadas variedades tá muito alta. Para o próximo ano, nós até já estamos

pensando em purificar a variedade BR-1".

## PURIFICAR NÃO É FÁCIL

Ênio, olhando os pés de soja, que se apresentam muito bonitos, conta como tudo começou:

— No ano passado, quando purificamos pela primeira vez, colhemos cerca de 15 quilos. Mas não é nada fácil. A gente precisa ter muito cuidado com a lavoura. Todo dia tem que dar uma olhada para ver se tudo vai bem. Na época da floração, tem que se ter muito cuidado para não deixar no pé flores azuis ou rosas. Elas tem que ser todas brancas. Então a gente vai lá e arranca todas as flores diferentes. Também na época da maturação, tem que ter um cuidado para que a maturação seja parelha. Aquele pé que apresentar qualquer irregularidade, deve ser arrancado fora. Depois da maturação completa, cuidamos a cor da vagem, das folhas. Tudo precisa ser perfeito para que não tenha mistura.

Como a lavoura de semente purificada exige bastante cuidados, é recomendável que o produtor plante sempre uma área pequena. Cuidados também devem existir na hora da colheita. No ano passado, Ênio fez toda a sua colheita manual. Este ano, como a área é bem maior, a colheita terá que ser mecanizada.

— No ano passado fizemos toda a debulha à "manguá". Já na próxima colheita (Ênio espera colher uns 10 sacos) terá que ser mecanizada. Na colheita, para evitar qualquer mistura usaremos uma trihadeira que está parada há mais de cinco anos. Mas antes ela será toda lavada e vistoriada para que não tenha nenhum problema.

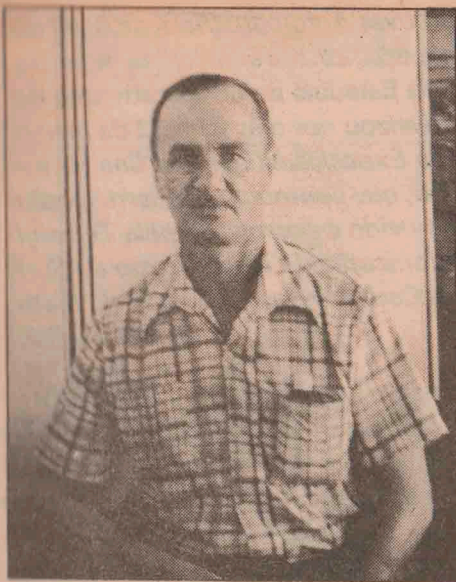
Satisfeito com os resultados obtidos até agora, Ênio diz que só espera fazer a colheita para comparar as duas sementes e fazer uma avaliação.

Tabela utilizada até a safra 78/79

PADRÃO	NA MOEGA	NO LABORATÓRIO		
	FEIJÃO MIÚDO OU AMOROSO	BRAGG	IAS-4	OUTRAS
1	0	0 - 6	0 - 6	0 - 3
2	0	7 - 12	7 - 12	4 - 7
3	Até 2	Até 15	Até 15	8 - 11
4	Até 3	Até 20	Até 15	12 - 15
5	Até 4	Até 30	Até 15	Até 15

A mais nova tabela. Aqui, os números do padrão diminuíram.

PADRÃO	NA MOEGA	NO LABORATÓRIO		
	FEIJÃO MIÚDO OU AMOROSO	BRAGG	IAS-4	OUTRAS
1	0	0 - 5	0 - 5	0 - 3
2	0	6 - 9	6 - 9	4 - 7
3	2	10 - 15	10 - 15	8 - 15



Alfredo: todos devem purificar

— Depois, junto com os técnicos, vamos verificar se existe mistura ou uma desagregação da variedade. Mas acredito que vamos obter bons resultados. O Bragg, por exemplo, em anos anteriores já deu muitos problemas. Agora até já estamos pensando em purificar o BR-1, para que não chegue ao mesmo estágio do Bragg. Só para citar um exemplo, em anos anteriores a variedade Bragg teve de 30 a 40 por cento de mistura. E isso realmente é um problema de variedade porque já fizemos uma experiência, plantando sementes que vêm de outras unidades.

#### PURIFICANDO PELA PRIMEIRA VEZ

O seu Alfredo está purificando semente pela primeira vez. A variedade usada pelo seu Alfredo é a IAS-4.

— Resolvi purificar porque a mistura estava sendo muito grande. Acredito que as variedades já estejam um pouco refinadas, por isso temos que partir para a purificação, se quisermos melhorar a qualidade da semente.

Seu Alfredo concorda que purificar sementes dá muito trabalho “a gente tem que ir na lavoura diariamente, olhar quase todos os pés, acompanhar o desenvolvimento da planta”, mas acredita que todo o agricultor deveria purificar “nem que fosse só uns 4 quilos”.

— Este ano comeci plantando apenas uns 20 quilos e já sei que a seca não vai permitir uma boa colheita, mas para o próximo ano, pretendo aumentar a minha área.

Mesmo que a sua lavoura não esteja lá tão bonita, porque a seca castigou um pouco, seu Alfredo está otimista quanto ao êxito de sua experiência como forma de melhorar a qualidade das sementes eliminando a tão combatida “mistura varietal”.

Este ano, e isso também foi decidido na última reunião dos Conselheiros de Semente, a Cooperativa não estará recebendo sementes purificadas. O próprio produtor se encarregará de guardá-la para fazer sua lavoura na próxima safra.

## Quais variedades plantar?

O Conselho de Produtores de Sementes das Unidades de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana passou uma manhã inteira reunido, com o pessoal dos armazéns, encarregados do recebimento do produto e com o pessoal dos balcões, que trabalha direta e indiretamente com o produtor, discutindo normas de entrega do produto. Também esteve na pauta de discussão, a escolha de variedades de sementes para a próxima safra. A reunião aconteceu na Afucotri, na primeira semana de março. Quase todos os produtores tinham algo a acrescentar ou então a perguntar para clarear suas dúvidas.

Numa primeira etapa, Sidney Gervini de Souza, coordenador da reunião e agrônomo responsável pelo Setor de Sementes da Unidade de Ijuí, apresentou um resumo das inscrições de todos os produtores dos três municípios representados. A partir de então, juntamente com os produtores passou a escolher as variedades de sementes que deverão ser plantadas na próxima safra de soja. Muitas discussões surgiram em torno desta ou daquela variedade. Um produtor lembrou que aquele que conhece a variedade BR-1 não vai mais querer plantar a Santa Rosa. Um outro produtor rebateu dizendo que tem se saído muito bem com essa variedade. Sidney, por sua vez, disse aos produtores presentes que não é possível todos plantar a variedade BR-1. “Neste caso iria faltar muita semente e, além do mais, acredito que é muito cedo para queimarmos a Santa Rosa”.

Ainda sobre a escolha das variedades de sementes, um outro agricultor disse que não gosta da variedade Bossier. “Podemos plantar 20 sacos e não vamos colher nem 5. Outra que tem uma germinação péssima é a Missões. Vi uma lavoura e não gostei nem um pouquinho do seu aspecto”. Outra variedade discutida foi a

Hardee. Um agricultor levantou e falou que na safra passada houve muitos problemas de germinação. “Então eu pergunto: será que vale a pena continuar plantando essa variedade?” Sidney respondeu aconselhando aos agricultores tentarem mais um ano. “Quem sabe a germinação foi péssima devido a outros problemas?”

#### AS MAIS PLANTADAS

Após as discussões ficou decidido que as variedades mais plantadas na próxima safra serão Paraná (precoce), Bragg (média) e nas semi-tardias os agricultores optaram pela BR-1, que na opinião de Sidney terá a maior procura, e também a Cobb. A variedade Prata, provavelmente será eliminada e a IAS-5 pode ter ainda alguma preferência. Uma variedade bastante nova é a BR-2, que terá incentivado o seu plantio, porque vem prometendo muito em termos de produção. Já a variedade IAS-4 poderia dar lugar a Davis, que não estava mais sendo plantada. O incentivo é o resultado da existência de um bom mercado em outros Estados. Ainda serão plantadas as variedades Hardee e Bossier, só que em menor quantidade.

#### NA HORA DE APERTAR O CINTO

Numa segunda etapa foram discutidas normas de recebimento do produto nos armazéns. “Essas normas, lembra Sidney, foram deixadas de lado por algum tempo em consequência das constantes frustrações de safras. Agora está na hora de apertar o cinto e acertar o passo para que o recebimento do produto ande bem mais rápido”.

Mas quem falou bem mais detalhadamente sobre o assunto foi o Olavo Morozinski da Silva, o responsável pelo armazém de recebimento de sementes. Ficou estabelecido que as sacarias só serão liberadas mediante a apresentação do laudo da lavoura. “O agricultor deve lem-

brar que o pessoal do armazém não sabe se a lavoura foi aprovada ou não, por isso da necessidade que o laudo acompanhe a carga”, explicou Olavo. Outra recomendação feita foi quanto a marcação das variedades. “Nem sempre o motorista do caminhão sabe que variedade está carregando”.

Também foi feito um lembrete aos agricultores para que tomem cuidado com a umidade do produto. “É fundamental”, explica Sidney, “o controle da umidade da semente. Se ela passar dos 13,5 por cento — o máximo permitido — o produto estará automaticamente perdido. O ideal, como colocou Sidney, seria uma umidade de 13 por cento, mas mesmo assim a Cooperativa permite esta pequena margem de tolerância. Outra recomendação foi de que na hora do transporte o agricultor somente deve mandar duas variedades numa mesma carga, sempre cuidando, porém, em separá-las por uma lona.

#### PREVENDO A COLHEITA

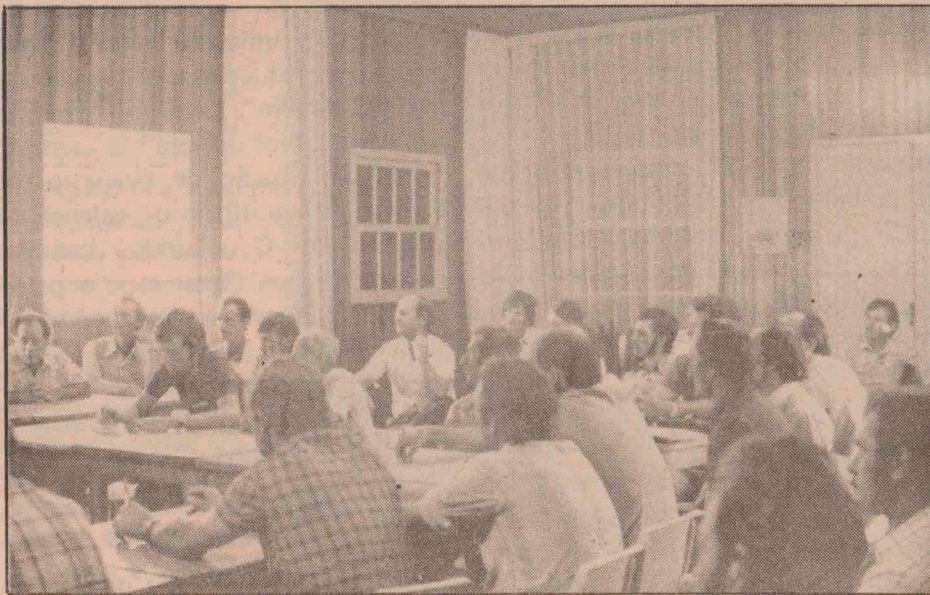
As recomendações continuaram ainda por mais um bom tempo. Entre elas, ficou decidido que a quantidade mínima de cada lote será de 30 sacos por carga. O produtor também deverá entregar somente a quantidade de semente prevista no laudo. “Se na hora da vistoria o técnico previu 300 sacos, o produtor terá que entregar esta quantidade”, exemplificou Sidney.

Com relação à vistoria da lavoura ficou decidido que o agricultor comunicará ao Departamento Técnico no mínimo cinco dias antes de iniciar a colheita. “Há necessidade do produtor fazer uma previsão de quando colherá para que o pessoal responsável possa se organizar e programar suas vistorias”.

#### TRIGO: AS INDEFINIÇÕES

Quando já era quase meio-dia, os agricultores resolveram então falar sobre a próxima lavoura de trigo. Muita coisa, na verdade, eles não tinham para dizer, pois até o momento esta lavoura é uma indefinição. “Tudo depende do preço do adubo e do trigo (que até aquela data não tinham sido divulgados), para saber se vamos ou não plantar”, respondeu um dos produtores.

A última decisão tomada na reunião é de que o número de variedades de semente de trigo serão reduzidas nesta próxima safra. Serão eliminadas a IAS-55, IAS-64, B-20 e CNT-8. Variedades como a CNT-9, IAS-54 e PAT-7219, que existem em pouca quantidade, ficarão somente para os produtores de semente.



Esclarecendo dúvidas e decidindo o que fazer

## PROCURA-SE UM MODELO

Tanto o diretor geral da Terrasul, Otávio Barboza Carneiro, como o presidente da OCEMS, Luís Pachaly, falaram na abertura do Encontro sobre a importância do cooperativismo no Estado. O representante do INCRA, Benedito Zurita, por sua vez, deixou claro que somente com a cooperação de todos é que se pode fazer cooperativismo. "Os responsáveis pelo cooperativismo no Mato Grosso do Sul, irmanados, poderão levar o cooperativismo do Estado, que ora começa, ao lugar que ele merece".

### CCGL - DIVERSIFICAÇÃO

Quem esteve no Encontro, falando sobre "Montagem de Cooperativas Agroindustriais", foi Frederico Gunnar Dürr, presidente da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite). Frederico iniciou sua palestra fazendo um pequeno resumo histórico da criação da Cooperativa Central de Leite, que já está em seu segundo ano de atividade. "A CCGL nasceu de um programa conduzido pelo INCRA, visando uma maior diversificação. Foi uma maneira de mostrar ao agricultor que o leite também pode ser uma opção".

Segundo o presidente da Central, se buscou este tipo de diversificação para que o produtor passasse a faturar mais vezes por ano. "Com o leite o produtor passa a ter um faturamento mensal e, com isso, muitos de seus problemas estarão diminuindo". Quase todas as cooperativas presentes queriam saber alguma coisa a respeito da CCGL, já que no Mato Grosso do Sul não existem cooperativas de leite, mesmo que seja grande o interesse neste sentido. Frederico explicou que as cooperativas singulares nunca industrializam o leite. Elas incentivam o aumento da produção, organizam a coleta do produto e o entregam à Central para a industrialização e comercialização:

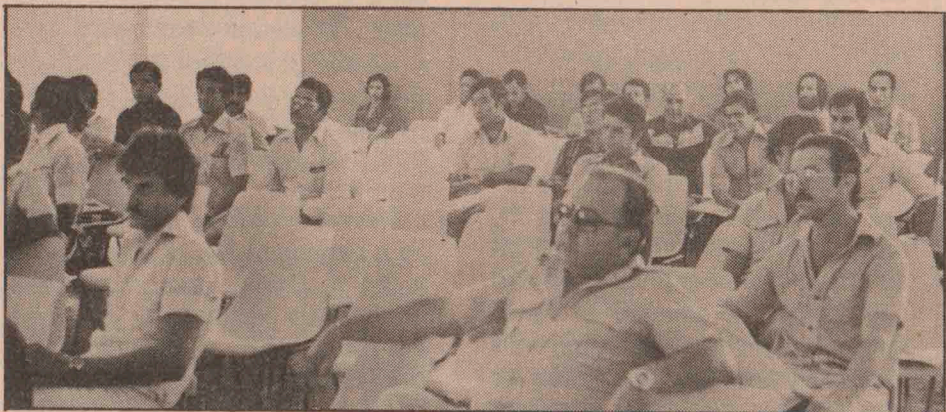
— Com isso evita-se a concorrência entre as cooperativas singulares.

Outro lembrete feito por Frederico Dürr é de que a Central de Leite tem somente cooperativas associadas e não produtores individualmente. A CCGL, que atualmente conta com 27 cooperativas filiais, tem seu quadro social composto por mais de 100 mil produtores rurais, grande parte destes dedicando-se à produção leiteira:

— Citando apenas um exemplo de capacidade de nossas cooperativas singulares, só uma das usinas da



Frederico Dürr falou sobre a montagem de agro-indústrias



O interesse dos presentes em definir um cooperativismo modelo

Central, a instalada em Ijuí, está com uma capacidade para 200 mil litros/dia.

### SEM POLÍTICA LEITEIRA

As perguntas feitas a Frederico foram muitas. Desde a existência de linhas de crédito, produção mínima necessária para se implantar uma indústria até os meios doutrinários utilizados pela cooperativa para incentivar a produção de leite. O presidente da CCGL ia respondendo aos poucos, mas deixou claro que é um tanto temerário se implantar uma indústria com menos de 50 mil litros/dia de leite. "Os fatores que entram na jogada são violentos e nós não temos uma política leiteira no Brasil". Quanto à doutrinação cooperativista, Frederico recordou que no Rio Grande do Sul esta já existia há muito tempo:

— Apenas introduzimos mais uma atividade econômica. Nós não tivemos necessidade de fazer um trabalho de doutrinação, porque este trabalho já estava feito. Agora, todo produtor quando entra em uma cooperativa deve estar bem consciente do passo que está dando. Ele tem que pensar que está dentro de sua casa.

Ao final de sua palestra, Frederico Dürr fez uma alerta aos representantes de cooperativas, dizendo que nada pode ser transplantado de um lugar para outro. "Se já existem idéias, é preciso ter cuidado para não ser precipitado. Aqui, no Ma-

to Grosso do Sul, os recursos humanos, os meios, o solo, o clima, as condições locais, são outros. Antes de tudo é preciso que seja criada uma consciência leiteira para que não existam arrependimentos mais tarde".

Frederico deixou claro que o cooperativismo é a única forma do produtor conduzir os seus negócios: "Ele pode estar errado, mas é ele quem decide. As cooperativas não podem fazer utopias, elas têm que ser empresas voltadas aos interesses de seus associados".

### UM INSTRUMENTO VALIOSO

Visitando pela primeira vez o Mato Grosso do Sul, o presidente da OCB, José Pereira, falou sobre a importância e atuação das cooperativas brasileiras. "O cooperativismo é um instrumento valioso para aqueles que querem a promoção social do homem". Lembrou que hoje as cooperativas de soja representam uma preocupação do Governo em termos de equilíbrio da balança de pagamentos. Concluindo, José Pereira disse que "bem sabe o presidente Figueiredo o quanto é valioso o cooperativismo para o barateamento do custo de vida. É o único instrumento capaz de aproximar o produto do produtor".

### BNCC - REFLEXO DAS COOPERATIVAS

Luís Gonzaga Reis, gerente do Banco Nacional de Crédito Coope-

Montagem de Cooperativas Agroindustriais, atuação do Cooperativismo Brasileiro e Crédito Rural foram os assuntos discutidos no 1º Encontro Estadual de Cooperativismo do Mato Grosso do Sul, que se realizou nos dias 21 e 22 de março no auditório do Parque de Exposições Laucídio Coelho, em Campo Grande. O Encontro, que contou com a participação de 18 cooperativas, foi promovido e organizado pela Terrasul (Instituto de Terras e Colonização do Mato Grosso do Sul) e OCEMS (Organização das Cooperativas do Estado do Mato Grosso do Sul).

rativo, na agência de Campo Grande, falou sobre Crédito Rural. Ele salientou que o BNCC não possui muitos recursos, porque é um reflexo das cooperativas. Mesmo assim, segundo ele, é intenção do Banco prestar todo e qualquer tipo de atendimento:

— Em resumo, faremos tudo que o Banco do Brasil faz. Atuaremos em todas as faixas de crédito rural com cooperativas ou produtores cooperativados. É claro que o ideal seria que nós fossemos um Banco forte, porque só então teríamos a certeza de que também as cooperativas seriam muito mais fortes.

### COOPERATIVISMO ESTRUTURADO

O último palestrante do Encontro foi Luiz Edmundo de Faro Freire, da Empaer (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul). Luiz Edmundo fez uma pequena retrospectiva do cooperativismo nos últimos dez anos:

— Tudo no Mato Grosso do Sul vem acontecendo de 1978 para cá. A própria Cotrijuí ou mesmo a Cotrisa, muito discutidas e, ao mesmo tempo, muito aplaudidas, tocaram aspectos negativos e positivos. Mas a verdade é que até hoje, aqui, não existe uma definição de atuação para as cooperativas. Não há diretrizes políticas neste sentido".

Ele salientou que até alguns anos atrás não existia cooperativismo no Estado e as instituições que surgiram, nasceram em função de recursos e não de necessidades do agricultor. "Por este motivo não se podia esperar que aqui houvesse um cooperativismo sólido. Mas nós temos condições de implantar no Mato Grosso do Sul um cooperativismo modelo e muito bem estruturado". Para Luiz Edmundo, lutar por um cooperativismo bem estruturado é a única maneira de impedir a instalação de cooperativas que visem apenas obter maiores recursos.

Um pouco antes do encerramento do Encontro foi criado um grupo de trabalho que tratará da formação de uma comissão Estadual do Cooperativismo. Esta comissão entrará em contato com todos os órgãos existentes no Mato Grosso do Sul para analisar e conhecer os problemas das entidades. "Só assim o estatuto dos cooperativistas poderá abranger todos os problemas que cada um enfrenta".

## Trigo: assunto de simpósio



Nos dias 12 e 13 de março aconteceu na cidade de Cruz Alta o "Primeiro Simpósio Regional de Triticultura". Por lá estiveram presentes pessoas ligadas à área técnica, como engenheiros agrônomos e técnicos rurais, pesquisadores de trigo, representantes da Secretaria da Agricultura, pessoas ligadas a Sindicatos Rurais e alguns agricultores. Também passou rapidamente por Cruz Alta no dia da abertura do Simpósio, o secretário da Agricultura Balthazar de Bem e Canto.

Os triticultores e pesquisadores debateram durante dois dias os problemas do trigo. Um dos assuntos mais discutidos entre o pessoal foi se é ou não possível manter a produção de trigo anualmente. "É preciso", disseram os técnicos, "fazer uma rotação de cultura para manter o solo fértil como meio de conservação do solo diante da própria erosão. Isso também viria facilitar o produtor na comercialização de seus produtos, que obteriam maior rentabilidade".

### SEM PERDER A FÉ

Carmine Rosito, diretor de Pesquisa da Fecotrigo, falando sobre a "Situação Atual do Trigo e Perspectivas para o Futuro", disse que o agricultor não confia mais na obtenção de uma produção que compense o investimento e o trabalho na lavoura. Como motivos de oscilação da produção de trigo, Carmine citou o clima, o solo e o manejo dado à lavoura. Afirmou não acreditar que a médio ou a curto prazo a pesquisa tenha condições de colocar à disposição do agricultor variedades resistentes a moléstias e que sejam capazes de suportar doses em menor quantidade de fertilizantes.

Falando sobre a rotação de culturas, Carmine disse que mesmo que seja necessário diminuir a área de trigo no Rio Grande do Sul, é extremamente necessário estabelecer um sistema de culturas que não envolva somente o trigo e a soja.

No fim de sua palestra, Carmine lembrou que os agricultores devem se chegar mais às Cooperativas e aos escritórios de Extensão Rural, para discutir seus problemas, sem perder a fé no trigo. "Vejo ainda com otimismo a cultura de trigo no Rio Grande do Sul".

### CONVIVER COM A NATUREZA

Mas as conversas sobre triticultura não ficaram só aí. O agrônomo Werner Winsche, da Embrapa, lá de Passo Fundo, falou sobre "Preparo de Solo". Outro a falar no Simpósio foi Roque Gilberto Annes Tomazzinni, também da Embrapa. Tomazzinni explicou que está na hora do agricultor pensar em termos de diversidade de culturas. "O produtor deve tomar conhecimento dos benefícios da rotatividade, como um modo de conservar o solo, evitar riscos de fatores climáticos e de doenças". Também devem ser estudados, segundo Tomazzinni, métodos de cultivo de forrageiras, como o feno e a alfafa, para incentivar a pecuária, "pois além de estarem servindo como alimentos, também poderão ser utilizados para proteger o solo". Outro lembrete do técnico da Embrapa aos agricultores, é que eles devem aprender a conviver com a natureza. "Para isso, a rotação de culturas é uma das formas, pois não desgasta tanto o solo como vem acontecendo com o cultivo da monocultura".

Embora estivessem em número bastante pequeno, os agricultores também se manifestaram, reclamando do preço do trigo. "A agricultura", disse um dos presentes, "está reabilitada. Falta agora uma medida do Governo relacionada com comercialização, pagando pelo trigo o que o trigo realmente vale". Um outro agricultor disse que "existe no Governo um grupo de pessoas que age como crianças, brincando com coisas sérias, como as mudanças de projetos que fazem a toda hora".

## Inauguração em Sidrolândia

Um novo armazém em Sidrolândia, que amplia a capacidade de recebimento da Cotrijuí naquela unidade do Mato Grosso do Sul, foi inaugurado dia 1º de abril pelo ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stábile. Ele foi recebido em Sidrolândia pelo vice-presidente da Cooperativa, Arnaldo Oscar Drews e pelo diretor regional Nelcy Rospide Nunes. Ainda acompanhavam a comitiva o governador Marcelo Miranda e os secretários Saulo Queiroz e Paulo Fagundes.

Este armazém tem capacidade para 700 mil sacos, o equivalente a 40 mil toneladas de grãos, e é equipado com um sistema de termometria (que permite um controle eficiente da temperatura dos grãos) e de aeração, possibilitando a ventilação constante do produto armazenado. Sua capacidade de recebimento é de 200 toneladas por hora de produto seco e de 120 toneladas/hora de produto úmido. Ele ainda é dotado de uma passarela que permitirá o carregamento automático dos vagões de trens.

Na solenidade de inaugu-

ração, que contou inclusive com bênçãos religiosas, falaram o vice-presidente e o diretor regional, ambos ressaltando as obras que vem sendo realizadas pela Cotrijuí na melhoria do sistema de recebimento e comercialização de produtos, sempre tendo como meta a defesa dos interesses e o apoio ao produtor. O ministro também falou, recordando da grande necessidade de armazéns para o Brasil e, principalmente, para o Mato Grosso, onde o impulso sofrido pela agricultura aumentada de ano a ano as áreas cultivadas.

### BNCC - CAMPO GRANDE

Outra das inaugurações feitas pelo ministro da Agricultura no Mato Grosso, foi a da agência do Banco Nacional de Crédito Cooperativo em Campo Grande. Esta é a primeira agência do BNCC no Mato Grosso do Sul e a 31ª do País.

O gerente da agência é Luiz Gonzaga Reis. Segundo ele, o BNCC atuará em todas faixas de crédito rural com cooperativas e produtores associados.

## Cooperativas em Brasília

Representantes de todo cooperativismo brasileiro estarão reunidos em Brasília no período de 15 a 17 de abril durante a realização do 9º Congresso Brasileiro de Cooperativismo.

Os assuntos de interesse do momento, a busca da autonomia e desenvolvimento do sistema cooperativista farão parte do temário do Congresso. Paralelamente às seções plenárias, acontecerá uma exposição que contará com a participação de várias entidades.

A Cotrijuí montará um estande mostrando vários de seus produtos, como o arroz Levieste, óleo Mucama, alho, semente de cebola, mostuário de forrageiras de estação quente e fria, ovos, cobertores, japonsas, palas, cortes especiais de novilho precoce e borregaço. Ainda existirá material ilustrativo sobre a colza, uma planta que despertou o interesse de muita gente por este Brasil afora.

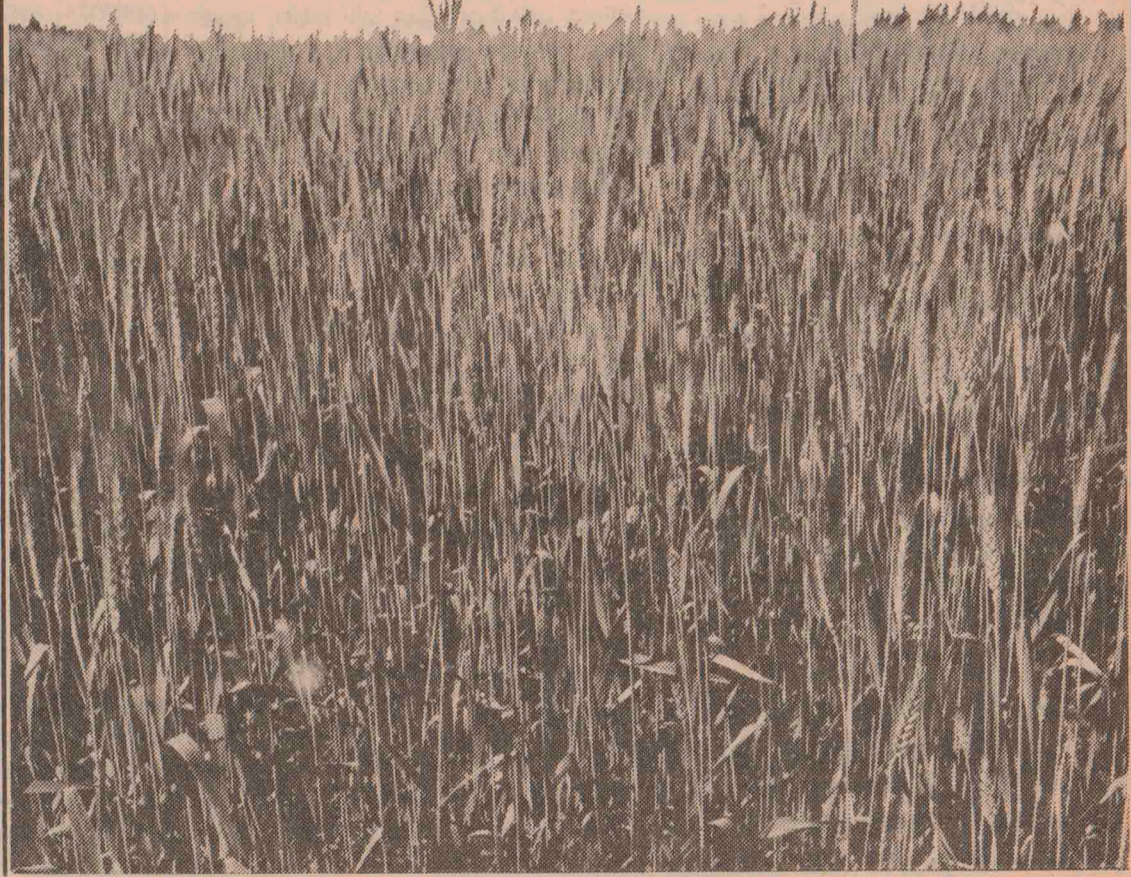
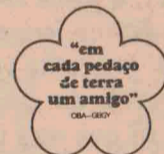
# Faça a prova do trigo!

Quando você usar herbicida na soja, não deixe de usar Dual pelo menos em uma parte de sua lavoura.

Na hora de plantar o trigo faça a prova: onde passou Dual não há mais resíduos que impeçam que o seu trigo cresça forte e bonito.

Dual, o herbicida para a soja e que respeita o trigo.

CIBA-GEIGY



# MEL: O AÇÚCAR NATURAL

Enriqueça o valor nutritivo de suas refeições usando o "açúcar que não necessita purificação". Ele pode ser produzido em casa mesmo. Basta que o agricultor tenha pelo menos uma caixa de abelha, nem que o mel ali recolhido seja apenas suficiente para o consumo da casa.

O mel, o açúcar mais natural, é preparado pelas abelhas e, portanto, o ideal para a alimentação do homem, já que em sua composição entram 40 por cento de levulose (açúcar de frutas) e 34 por cento de glicose.

A levulose e a glicose são extraídos quando da retirada do néctar das flores pelas abelhas. Pode-se notar dessa maneira que a quase totalidade dos açúcares contidos no mel, uma vez ingerida, pode ser imediatamente absorvida, passando ao sangue, onde vai formar calor e energia. O mel é ótimo alimento, como fonte de energia. É um alimento sadio, não apresenta o perigo das contaminações e, além disso, contém vitaminas do grupo B e vitaminas C. Ainda podemos encontrar no mel hidrato de carbono, proteínas e sais minerais (Potássio, sódio e cálcio).

Graças a um fermento produzido pelas abelhas, a sacarose extraída das plantas é transformada em glicose e frutose, dois açúcares considerados de fácil digestão. Por essa razão, o mel é recomendado na alimentação de crianças desde os primeiros meses de vida, pois favorece a fixação do cálcio no organismo infantil que está em desenvolvimento.

Em média, o mel oferece a seguinte composição química:

Água . . . . .	17,7 por cento
Levulose (açúcar de frutas) . . . . .	40,5 por cento
Dextrose (açúcar de uva) . . . . .	34,0 por cento
Sacarose (açúcar de cana) . . . . .	1,0 por cento
Dextrinas e gomas . . . . .	1,5 por cento
Minerais . . . . .	0,18 por cento
	95,78 por cento.

Os componentes restantes para completar os 100 por centos são representados por aminoácidos, ácidos orgânicos, traços de proteínas e

compostos aromáticos. Entre os minerais, destacam-se o cálcio, cobre, manganês, fósforo e enxofre.

Ao natural, o mel pode apresentar-se de três formas: líquido, sólido e nos próprios favos. O mel líquido centrifugado e o favo são os mais comuns. Já o sólido é também chamado de mel açucarado.

O aroma e sabor do mel dependem da espécie vegetal cuja flor a abelha extraiu o néctar. Conforme a tonalidade da cor, o mel pode ser classificado em 5 tipos diferentes: branco-água, âmbar, dourado, róseo e pardo.

O consumidor pode adquirir o produto sob as formas de mel em favo, líquido ou cristalizado, em feiras livres ou supermercados, sempre tendo o cuidado para não comprar mel falsificado, ou xarope, como se diz. O mel puro é facilmente identificável pelo seu cheiro e sabor.

Geralmente o consumidor prefere o mel mais claro, por ser de paladar mais suave. O mel açucarado, cristalizado ou granulado é tão puro quanto os demais.

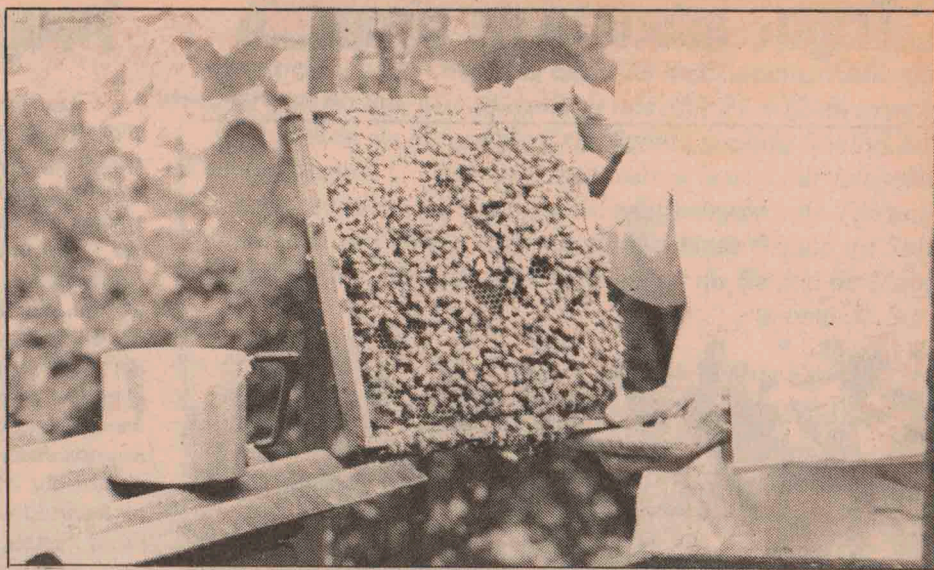
## CONSERVAÇÃO DO MEL

O mel pode ser conservado por muito tempo em recipientes de vidro fechado. Estes recipientes são sempre melhor que as latas, que com o tempo enferrujam. Evita-se a cristalização adicionando-se água ao mel na proporção de 20 por cento, fervendo esta mistura durante 3 horas à temperatura de 50°C.

O mel pode ser consumido ao natural, sobre fatias de pão com manteiga ou batido no liquidificador também com manteiga. Serve ainda para adoçar sucos, chás, licores frios, batidas de frutas, etc. Entra como ingredientes no preparo de bolos, bombons e sorvetes. Como derivado do mel, encontra-se o vinagre de mel, fino e suave.

O mel também pode ser utilizado como substituto vantajoso do açúcar de cana.

Herbicida, fungicida, inseticida, carrapaticida ...  
Tudo isto é veneno, alguns mais fortes, outros mais fracos.  
Mas todos são tóxicos, para o homem e para o meio ambiente.  
Antes de aplicar qualquer um deles, vá conversar com um técnico.  
Ele pode ajudá-lo a não envenenar tanto este mundo.



Em cada favo, mel puro

## Receitas

### BOLO DE MEL

É uma receita muito simples de fazer. Para isto, basta ter em casa 3 ovos, 2 xícaras de farinha de trigo, 3 colheres de manteiga, uma xícara de mel, 3 colheres (de chá) de fermento em pó.

Para fazer o bolo, basta bater o mel com a manteiga. Depois adicione os ovos bem batidos, o fermento e a farinha. Coloque a massa em forma untada e leve para assar em forno moderado.

Para o bolo ficar mais bonito, pode-se cobri-lo com glacê de sua preferência.

### BOLINHAS DE MEL

Essas bolinhas são muito gostosas e são bem fáceis de fazer. Os

ingredientes usados são: 2 ovos, 1/2 xícara de açúcar, 1 xícara de mel, 1/2 colher (de sopa) de gordura (pode ser usada a manteiga ou a banha) um pouco de leite, uma colher de sopa de fermento em pó e farinha.

Os ovos devem ser bem batidos com o açúcar e o mel, só depois então é que devem ser acrescentados a gordura e o leite, sem deixar de bater. Por último, coloque o fermento e a farinha suficiente. Sove bem a massa e faça as bolinhas. Depois que as bolinhas estiverem prontas, leve-as para assar em tabuleiro untado com gordura.

Quando elas estiverem assadas, passe-as no glacê feito com 2 xícaras de açúcar e uma xícara de água.

## Dom Pedrito:

### A participação da mulher

Mais de 180 pessoas, entre esposas e filhas de associados, funcionários da Cotrijuí e alguns associados, estiveram presentes na "Reunião com as Senhoras", realizada em Dom Pedrito, no dia 19 de março. A reunião foi coordenada por Ivo Basílio, da Comunicação, Eduardo Menezes, Diretor da Região de Dom Pedrito, Noemi Huth, Coordenadora da área de Comunicação e Educação de Ijuí e Maria Júlia Padilha, estagiária de Comunicação e Educação.

Muitos assuntos foram debatidos nesta reunião, como a posição da mulher dentro do processo cooperativista, o papel do Cooperativismo na área de produção e responsabilidade do cooperativismo.

Com o decorrer do tempo, as senhoras começaram a se manifestar também sobre outros assuntos, colocando vários questionamentos. Eles eram relacionados com capitalização, preço da carne, assistência técnica, venda de defensivos não prejudiciais à saúde, entre outros. O debate foi amplo e todas as perguntas foram respondidas pelo pessoal da Cotrijuí. Na questão dos defensi-

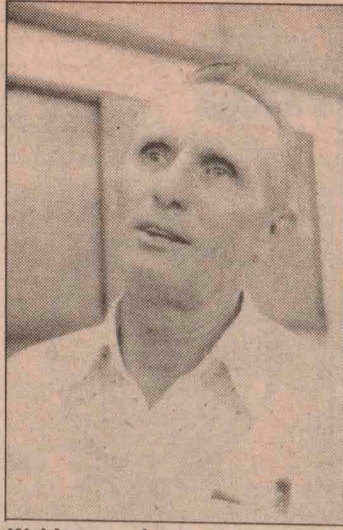
vos, por exemplo, Eduardo Menezes colocou que os técnicos e os agrônomos não dão receituário e nem recomendam produtos que afetam o ser humano, a flora e a fauna. Com relação aos preços, o consumo, controle para não faltar produtos, Menezes comentou que cada senhora tem a função de fiscalizar essa área.

No final da reunião, considerada pelas participantes como bastante válida, uma das participantes sugeriu que numa próxima, quando houver grande número de pessoas, se faça pequenos grupos, "para se ficar mais à vontade".

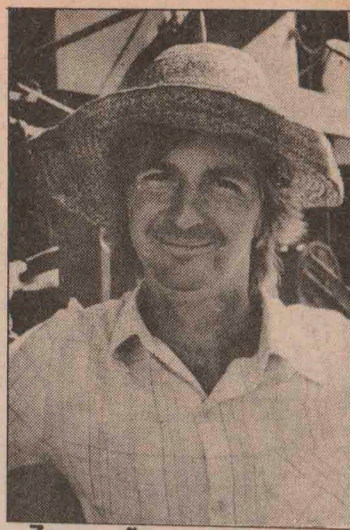
Ivo Basílio falou ainda às senhoras presentes que a Cotrijuí está sempre de "portas abertas" às esposas dos cooperativados. Colocou também a história da participação da mulher no início do movimento feminista e do "Dia Internacional da Mulher".

O êxito da reunião se deve a programação realizada com bastante antecedência e também ao trabalho de divulgação por parte das 12 senhoras que participaram da reunião anterior.

# DÁ PARA PLANTAR TRIGO?



Waldemar: planta cara



Zanon: não paga a semente e o adubo



Alberto: plantar o quê?

"Com este dinheiro não se paga nem a semente e o adubo que precisa prá fazer a lavoura", concluía o seu Enildo José Zanon, produtor em Dourados, no Mato Grosso do Sul, quando foi se informar em qual faixa de custeio a produtividade de sua lavoura estava incluída.

Não foi só o seu Zanon quem achou que assim está bastante difícil de plantar trigo este ano. No Mato Grosso, depois desta fala de Zanon, foi alterado o valor do VBC (veja o quadro abaixo), mas nem por isto o custo da lavoura é totalmente coberto. Com o preço do adubo variando de Cr\$ 18 mil e Cr\$ 20 mil a tonelada, se gasta coisa de Cr\$ 5.000,00 só para adubar um hectare. O que sobra, então, para fazer o resto da lavoura, ainda mais se a maioria do agricultor que planta trigo é médio ou grande produtor e, portanto, tem direito apenas a 80 por cento do VBC?

O seu Waldemar Walter Krampe, da Vila Floresta, em Ijuí, que plantou 240 hectares no ano passado, anda pensando que se as coisas prô trigo são bem assim como andam comentando, vai ser difícil arriscar na lavoura este ano.

— Trigo é planta cara. Eu, mesmo com os laços que ganhei nos últimos anos, bem que gosto da lavoura, sempre estou de acordo para plantar. Só que o preço da lavoura é um grande problema agora.

## PLANTAR O QUÊ?

Área bem menor foi plantada por seu Alberto Helmuth Schäfer que semeou

15 hectares na última safra. Ele está resolvido a não plantar se as coisas não melhorarem de figura. É uma porção de problema que anda atrapalhando, além do baixo financiamento e do preço mínimo para o produto: tem o preço do adubo, juros altos, preço de combustível...

"O caso", ele conta, "é que tenho prestação prá pagar com o trigo. Tinha que ter outra coisa prá plantar no lugar. E aí é que eu pergunto o que podemos plantar sem ser o trigo?"

Do mesmo, seu Alberto já põe outras sementes na terra além do trigo durante o período de inverno: é um pouco de alfafa, azevém, tremoço, um adianto no milho... Mas o que vai acontecer se todo mundo plantar outra coisa que não o trigo?

Em primeiro lugar não vai existir semente que chega para semear uma área igual à plantada com trigo com uma série de outras culturas. As opções que existem no inverno são a colza, aveia, centeio, azevém, linho e tremoço. Além da pouca semente em disponibilidade, quem assegura mercado para uma grande quantidade destes produtos? No caso da colza, que é um pouco diferente, por exemplo, já foi bem definido que é preciso ainda pesquisar um pouco mais esta planta antes de largá-la em grandes áreas de cultivo.

O ideal mesmo, conta o agrônomo Alberto Parenti Filho, é que cada agricultor plante um pouco de cada coisa durante o inverno. Um hectare disso, um hecta-

re daquilo, para ir adquirindo experiência em culturas diferentes e, quem sabe, ir abandonando a dependência total do trigo durante o inverno.

## A FRUSTRAÇÃO É NO GRÃO

Numa reunião dos produtores do núcleo da sede de Ijuí, em 28 de março, o pessoal chegou a conclusão de que no inverno, já está mais do que provado, nós temos condições de produzir massa verde em abundância para o pastoreio do gado. Carlos Sperotto era um dos que lembrou deste caso:

— Mesmo o trigo produz bastante massa verde. Nossa frustração no trigo é o grão, não na massa verde.

O que o pessoal está convencido é que com esta política que existe para o trigo, o negócio é mesmo deixar de plantar. O preço mínimo fixado pelo Governo, por exemplo, em Cr\$ 710,40 o saco, vai exigir uma produção de 19,17 sacos por hectare só para cobrir os custos de produção, calculados pela Cooperativa em Cr\$ 13.621,72.

Ano passado a lavoura de trigo custou Cr\$ 6.193,55 e o preço mínimo era de Cr\$ 324,00. Agora, os custos de produção aumentaram 119,9 por cento, enquanto o preço aumentou 119. A diferença não é muita, mas mesmo assim o preço ainda é problema, pois se os agricultores sempre tivessem recebido um preço justo por sua produção — aquele que além de cobrir os custos de produção ainda remunerassem seu trabalho — eles poderiam

perfeitamente ter dinheiro este ano para tirar do bolso e investir na lavoura. Mas quem tem dinheiro? E quem arrisca no trigo?

## IMPOSIÇÕES

O problema grande este ano é o valor de financiamento. Além de baixo, ele vem com uma série de imposições (veja o quadro abaixo). Financiando só 80 por cento da produção e cobrindo apenas 80 por cento das perdas com Proagro, na verdade o financiamento cobre apenas 64 por cento dos valores de custeio. Isto sem falar que é preciso deixar 3 por cento deste valor para garantir a cobertura do Proagro.

Assim, o pessoal só pode mesmo andar desacomodado de vez com o trigo. Como exigir que se cumpra as recomendações da Comissão Sul Brasileira de Trigo, de plantar apenas 1/3 da área do ano passado se não existe outra opção viável atualmente para o inverno?

O plantar ou não plantar trigo vai ser mais discutido numa reunião marcada para o dia 10 de abril em Porto Alegre, na Fetag. A intenção é solicitar ao Governo, além do aumento do VBC — já obtido pelo Mato Grosso — que as recomendações da Comissão Sul Brasileira de Trigo sejam retardadas para o próximo ano; que se admita assistência técnica grupal e não individual (78 deu trigo e 79 não. Será que a assistência foi melhor naquele ano? é óbvio que foi a mesma), Proagro de 100 por cento e revisão do preço mínimo.

## As regras do jogo

Os valores Básicos de Custeio introduzidos este ano para a lavoura de trigo variam de acordo com a média de produtividade obtida nos últimos três anos. Assim, para o município de Ijuí, por exemplo, onde a chamada média histórica do município chega apenas aos 728 quilos por hectare (ou pouco mais de 12 sacos) o VBC é de Cr\$ 6.987,00. Em Dom Pedrito, onde a média é de 839 quilos, e em Tupanciretã, com 966 quilos, o VBC já é maior: Cr\$ 8.238,00.

No Mato Grosso do Sul, onde a produtividade média é inferior a 600 quilos por hectare, os produtores teriam direito apenas a Cr\$ 5.265,00 por hectare de VBC. Só que para esta região, a regra do jogo mudou no meio da partida: todos produtores serão incluídos na faixa de produtividade que vai de 1001 a 1200 quilos por hectare, que corresponde a um VBC de Cr\$ 9.396,00.

No Rio Grande do Sul a pressão

está sendo grande para alterar também este critério, pois do contrário, haverá uma redução tão drástica de área de plantio que ninguém sabe ao certo como fica a situação.

O enquadramento em uma faixa de produtividade superior, segundo a decisão do Conselho Monetário Nacional — por sugestão dos ministros Delfim Netto e Amaury Stábile — será permitida apenas quando o produtor tiver registrado no cadastro do agente financeiro que ele produziu mais do que a média histórica do município em pelo menos uma das três últimas safras. Mas aí, também, ele precisa apresentar um projeto ou um plano simples de assistência técnica para a lavoura e fazer sua produção de acordo com as recomendações técnicas da Comissão Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo.

Estas recomendações são no sentido de que o produtor que plantar trigo

todo ano, só pode usar 1/3 da sua área disponível para cultura de inverno. O restante da área deve ser cultivada com espécies que interrompam o ciclo dos agentes causadores de doença. As opções apresentadas pela Comissão são a colza, o linho, forragens, tremoço e aveia. Não podem ser plantados nem a cevada e nem o centeio na mesma área. Assim, quem plantou 90 hectares de trigo ano passado, pode plantar apenas 30 este ano se quiser obter um VBC superior ao da média histórica de seu município.

As outras determinações oficiais sobre o plantio do trigo são de que o mini e o pequeno produtor (quem teve renda bruta inferior a Cr\$ 784 mil ano passado) tem direito a 100 por cento do VBC, enquanto os médios e os grandes produtores recebem apenas 80 por cento. O Proagro também reduziu a margem de cobertura, que passou de 100

por cento do ano passado para 80 por cento agora, cobrando porém, 3 por cento como valor adicional (o prêmio, que é para garantir o Proagro) contra o 1 por cento que sempre vigorou. No caso de novos produtores de trigo ou de produtores que nunca solicitaram — ou receberam — indenizações de Proagro, fica mantido o adicional de 1 por cento sobre o VBC.

TRIGO — Valor Básico de Custeio Safra 1980	
Faixa de Produtividade (kg/ha)	VBC (Cr\$ por ha)
Até 600	Cr\$ 5.265,00
de 601 a 800	Cr\$ 6.987,00
de 801 a 1000	Cr\$ 8.238,00
de 1001 a 1200	Cr\$ 9.396,00
de 1201 a 1400	Cr\$ 10.483,00
de 1401 a 1600	Cr\$ 11.514,00
acima de 1600	Cr\$ 13.064,00



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

## Os seis pescadores bobocas

Era uma vez seis irmãos...

... que foram pescar.

Chegaram ao rio e procuraram os lugares onde havia mais peixinhos.

— Vou ficar neste barco — disse o primeiro irmão.

— Eu ficarei nesta jangada — disse o segundo irmão.

— Vou deitar neste tronco — disse o terceiro irmão.

— Vou ficar nesta ponte — disse o quarto irmão.

— Pescarei deitado em cima desta pedra — disse o quinto irmão.

— Eu vou ficar aqui, na margem — disse o sexto irmão.

E foi isto o que cada irmão fez.

Todos pescaram muitos peixes e ficaram muito alegres.

Quando chegou a hora de voltar para casa, os seis irmãos ficaram preocupados. Tinham ficados separados.

E se um deles tivesse caído no rio e se afogado?

O que ficara no barco resolveu contar os irmãos para saber se todos os seis estavam lá. E começou a contar:

— Estou vendo um irmão na jangada: um.

Outro, no tronco: dois.

Outro, na ponte: três.

Outro, na pedra: quatro.

Outro, na margem: cinco.

co.

— Só cinco!? Mas somos seis!

Um de nós se afogou!...

— ele havia se esquecido de contar a si próprio.

— Não é possível! — gritou o irmão que ficara na jangada.

— Nenhum de nós morreu afogado!

— Vou contar! — e ele começou a contar...

— Um irmão está no tronco: um

Outro, na ponte: dois.

Outro, na pedra: três.

Outro, na margem: quatro.

Outro, no barco: cinco!...

Só cinco! Um de nós seis morreu afogado!

O que mamãe vai dizer!...

... — ele também se esqueceu de contar a si próprio.

— Deixa eu contar! — gritou o irmão que estava em cima do tronco — um irmão na ponte: um.

Outro, na pedra: dois

Outro, na margem: três.

Outro, no barco: quatro.

Outro, na jangada: cinco.

Oh! Só cinco! Onde está nosso sexto irmão? Onde foi parar? ... — e começou a chorar.

E o quarto irmão contou e o quinto e o sexto contaram e todos acharam só cinco irmãos! Sempre se esqueciam de se incluir...

... muitos tristes e chorando, os irmãos andaram pela margem do rio, procurando o irmão afogado.

Encontraram um menino que também havia ido

pescar; mas que estava triste porque não havia pescado nenhum peixe.

— O que aconteceu? Vocês pescaram tanto! Por que estão chorando? — perguntou o menino aos pescadores.

— Eramos seis e agora somos só cinco!

Um de nós morreu afogado! — explicaram ao menino.

O menino os olhou espantado, porque estava vendo seis pescadores!

— Como vocês contam?

— Vou lhe mostrar — disse o irmão mais velho e apontando para cada irmão começou:

— Um ... dois ... três ... quatro ... cinco!

Vimos seis para pescar e só cinco vão voltar! Está faltando um!

O menino logo compreendeu o engano e escondendo o riso disse:

— Vou ajudar vocês a encontrarem o sexto irmão.

— Quando eu lhes apertar as mãos contem.

— Um! — gritou o primeiro irmão, esfregando a mão apertada com força pelo menino.

— Dois! — gritou o segundo irmão, pulando de dor com o aperto de mão.

— Três! — gritou o terceiro irmão.

— Quatro! — gritou o quarto irmão.

— Cinco! — gritou o quinto irmão.

— Seis! — gritou por fim o sexto irmão, muito alegre apesar da dor do cumprimento.

— Seis! — berraram alegremente os seis irmãos juntos — somos seis de novo!

E se deram as mãos e pularam em torno do menino.

E o irmão mais velho disse ao menino:

— Tome todos nossos peixes!

São seus! Nunca poderemos lhe agradecer ter encontrado nosso sexto irmão! ... Seremos sempre seus amigos!

O menino pegou os peixes...

... e os seis pescadores bobocas voltaram muito alegres para casa.





# Peixe de água doce



O que é um peixe?

Ao usar a sua rede é provável que tenha apanhado um peixe. Possivelmente um vairão ou um esgana-gata. Ou já terá observado um pescador sentado na margem de um rio ou de um lago com sua vara à espera que o peixe fisque a isca. Todos os peixes que vivem nos rios ou lagos estão bem adaptados para o ambiente. Têm uma forma perfeita para se movimentarem rapidamente, o que quer dizer que têm uma forma **aquodinâmica**. Deslocam-se movendo a cauda de lado para outro. As barbatanas que nascem noutras partes do corpo servem para lhes dar a direção e para os manter na posição correta dentro de água. O mais importante de tudo, porém, é que os peixes podem respirar dentro da água. Não têm necessidade de vir, de vez em quando, à superfície como a maior parte dos animais da lagoa é forçada. Tal como os girinos, os peixes respiram por meio de guelras, de modo que podem extrair o oxigênio contido na água. As guelras dos peixes não podem ser vistas com facilidade, pois estão cobertas com uma placa óssea a que se chama "opérculo".

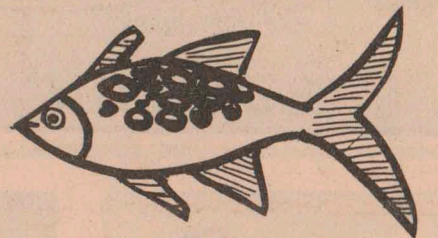
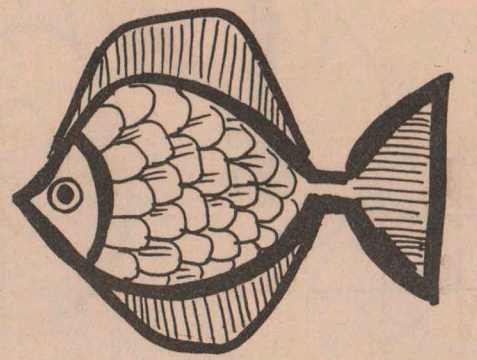
## Os peixes que os pescadores pescam

O pescador com sua vara de pescar e com carretilha não se interessa pelo esgana-gata. Procura peixes maiores. Se tiver na margem de um rio que corre manso ou de um lago, tentará apa-

nhar uma tenca. É um peixe de aspecto pesado com cauda quase quadrada. Gosta de nadar bem no fundo, mantendo-se escondido entre as ervas ou mordiscando a lama à procura de alimento. A fêmea põem enormes quantidades de ovos entre as plantas aquáticas, mas muitos deles são comidos antes de terem rompido.

A carpa vive nas mesmas águas. Quando lhes incide a luz, as escamas que cobrem este peixe brilham como ouro velho. A tenca permanece junto do fundo a maior parte do tempo, ao contrário da carpa, que, com frequência, vem à superfície, podendo até ser vista junto à margem. Supõe-se que a carpa consiga viver além de cem anos em lagoas tranquilas!

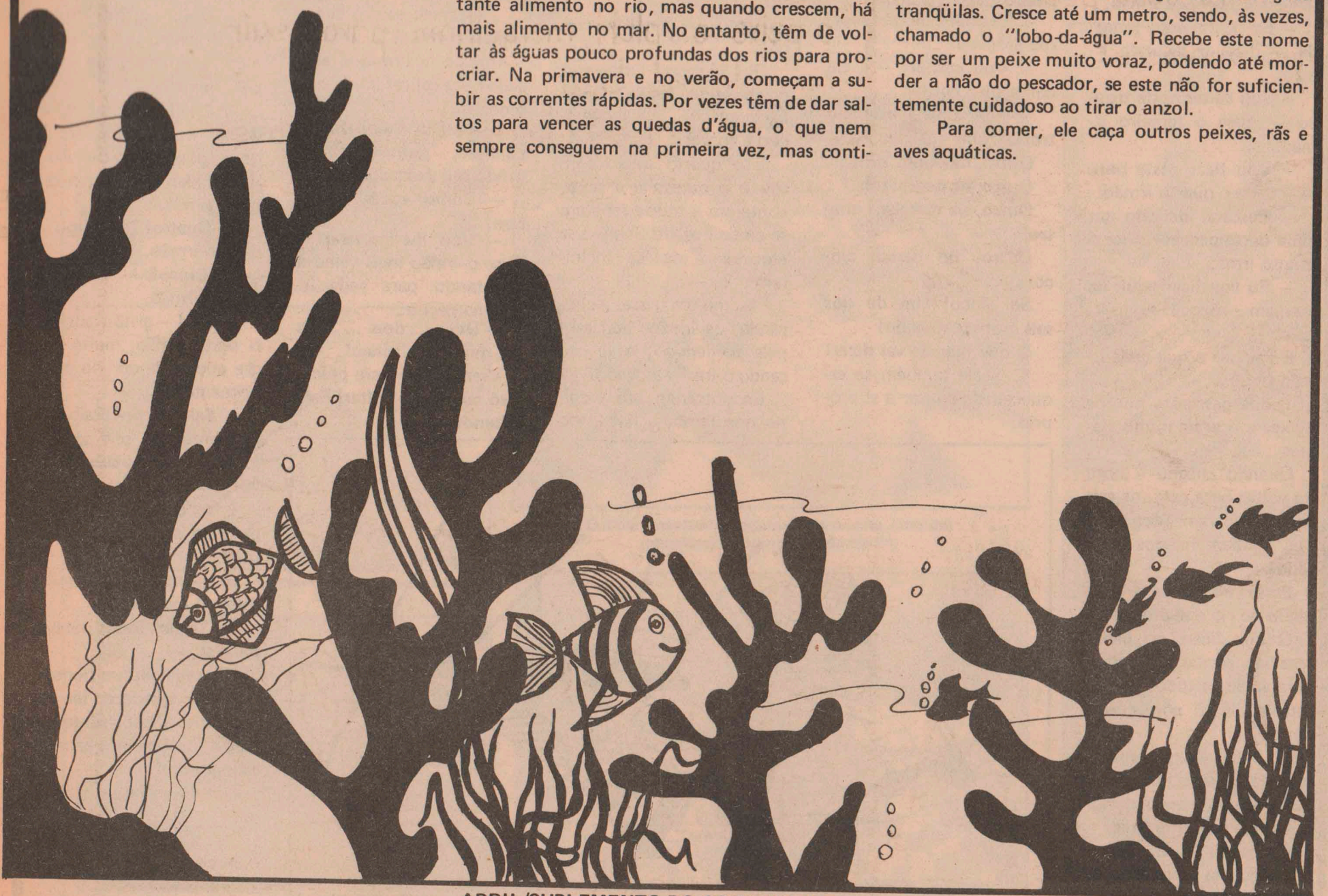
Talvez o pescador esteja tentando pescar um leucisco ou uma brema ou uma bonita perca. Se for um bom pescador, terá estudado os peixes e seus hábitos. Saberá que alguns gostam de lagoas lodosas, enquanto que outros preferem rios de águas rápidas. Saberá quais são os peixes de superfície e os de fundo. Saberá o que os diferentes peixes comem, de modo a usar a isca apropriada. Se pretender pescar um salmão, procurará um rio de águas rápidas. O salmão põe os ovos na água doce e os alevinos, lentamente, dirigem-se para o mar. Terão, provavelmente, atingido a idade de três anos antes de lá chegarem. Quando são jovens e pequenos, há para eles bastante alimento no rio, mas quando crescem, há mais alimento no mar. No entanto, têm de voltar às águas pouco profundas dos rios para procriar. Na primavera e no verão, começam a subir as correntes rápidas. Por vezes têm de dar saltos para vencer as quedas d'água, o que nem sempre conseguem na primeira vez, mas conti-



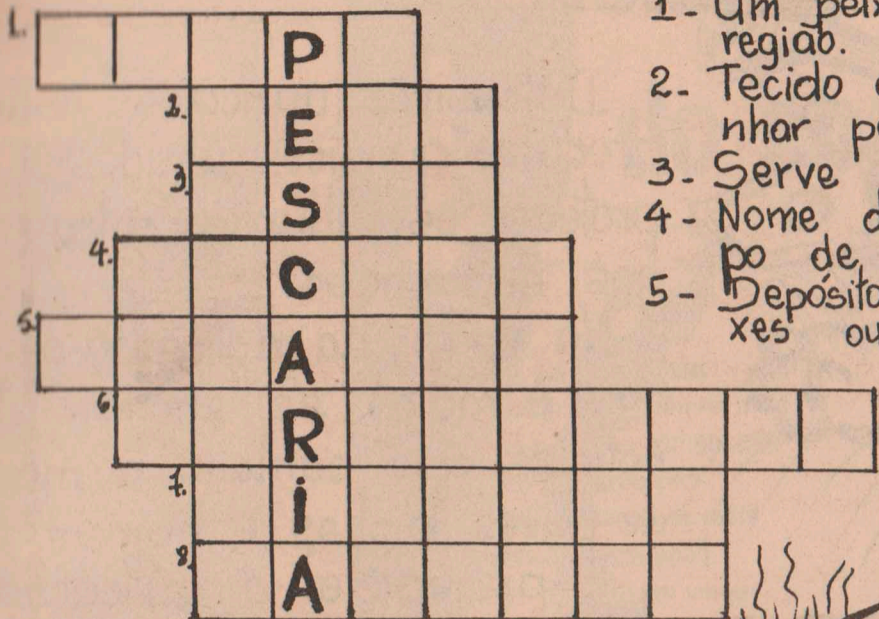
nuarão tentando tantas vezes quantas necessárias para o conseguir. Quando alcançam as águas pouco fundas, põe os ovos em buracos feitos no leito do rio. A caminhada até o local de postura é tão árdua que grande parte dos salmões adultos morrem antes de regressar novamente ao mar.

O maior peixe que o pescador poderá apanhar é o lúcio, que vive nos lagos e rios de águas tranquilas. Cresce até um metro, sendo, às vezes, chamado o "lobo-da-água". Recebe este nome por ser um peixe muito voraz, podendo até morder a mão do pescador, se este não for suficientemente cuidadoso ao tirar o anzol.

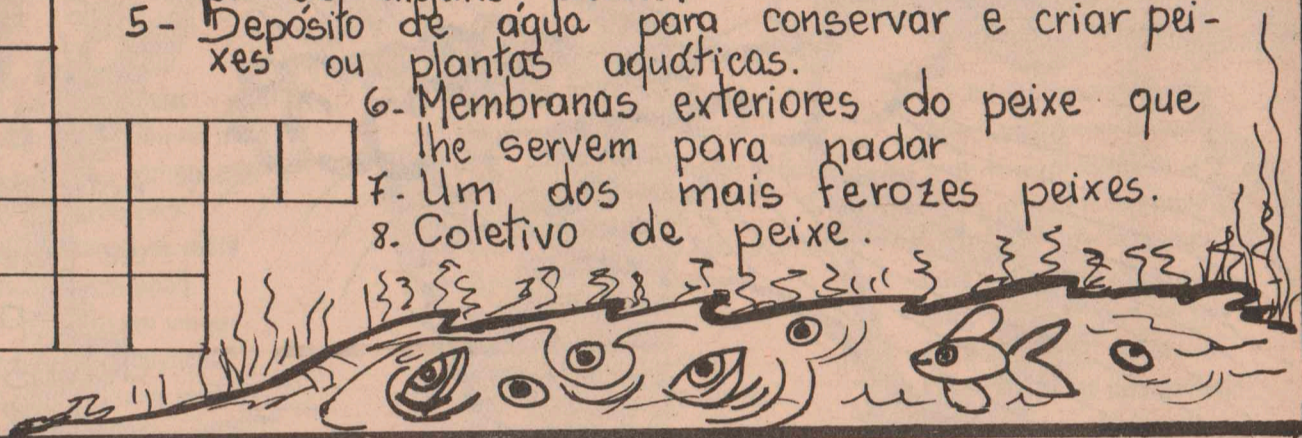
Para comer, ele caça outros peixes, rãs e aves aquáticas.



# CRUZADAS



- 1- Um peixe de rio muito comum em nossa região.
- 2- Tecido de malhas largas que serve para apanhar peixe.
- 3- Serve para colocar no anzol para pescar
- 4- Nome de pequenas lâminas que recobrem o corpo de alguns peixes.
- 5- Depósito de água para conservar e criar peixes ou plantas aquáticas.
- 6- Membranas exteriores do peixe que lhe servem para nadar
- 7- Um dos mais ferozes peixes.
- 8- Coletivo de peixe.

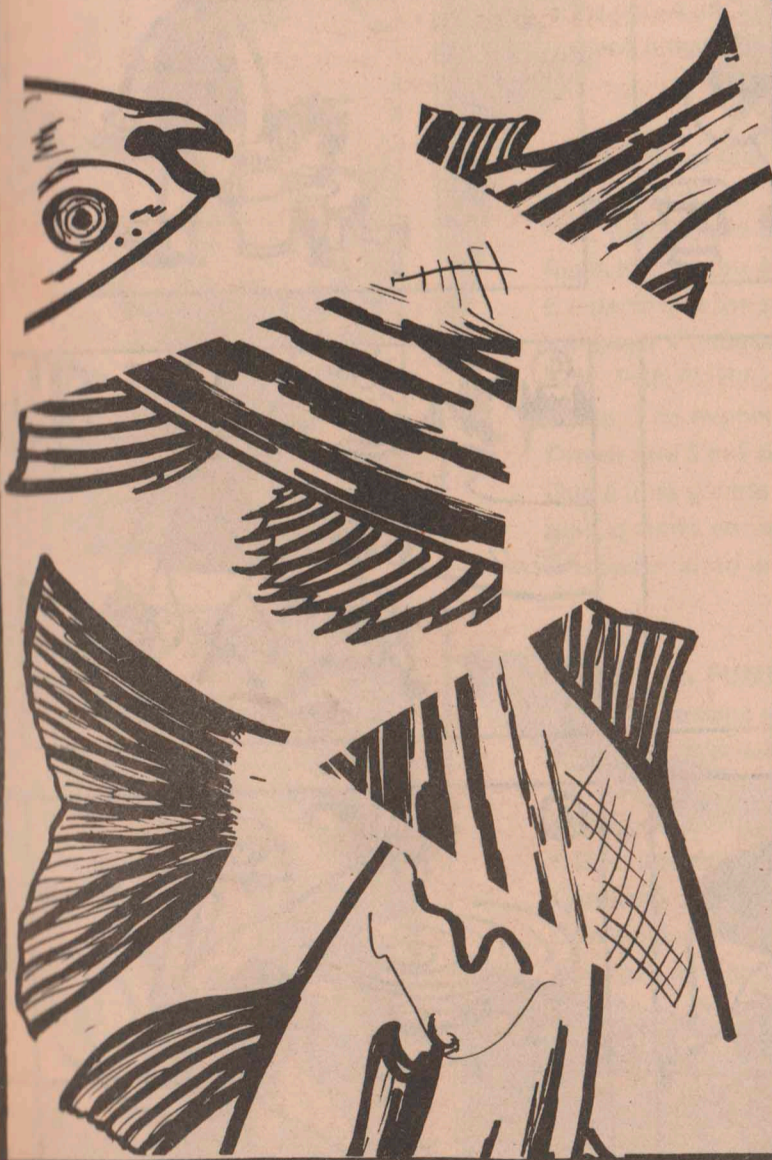


## Quebra-cabeça

Vamos reconstituir a figura?

Cole os pedaços numa folha grossa. Deixe secar. Agora recorte e cole noutra folha, cada pedaço no lugar certo.

O que apareceu?

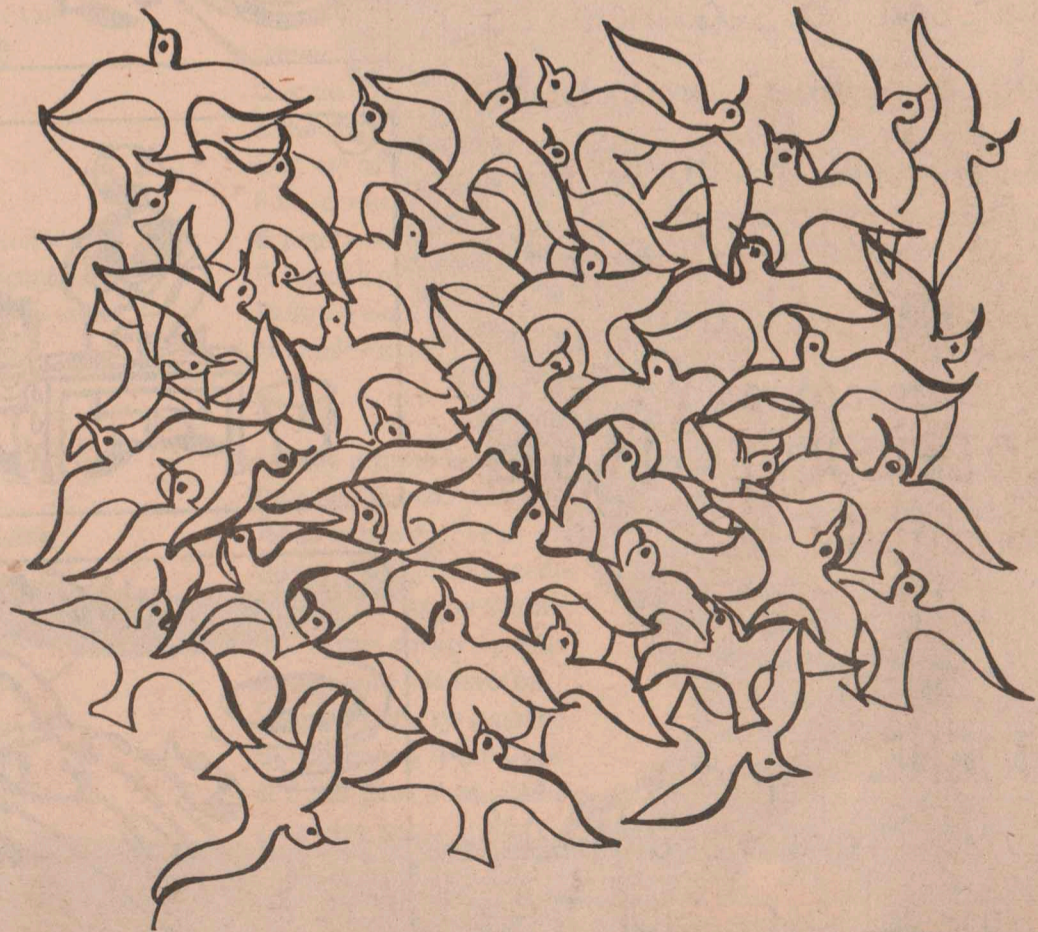


## Onde está o peixe?

Alguns pássaros, você sabe, adoram peixe.

Eles vêm voando lá de cima, olham o peixe e... pluft, mergulham para sair com ele no bico.

Mas, para este desenho, há muitos pássaros e apenas um peixe. Onde está ele? Procure-o.



O que têm os peixes a ver com os defensivos agrícolas?

Defensivos agrícolas são produtos químicos usados para proteger as culturas contra pragas e doenças.

Na época da aplicação os jornais e rádios se enchem de notícias que contam a morte de peixes, bichos e homem.

É prejudicial a aplicação de defensivos nas proximidades de vertentes, açudes, riachos, lagoas e rios, porque a chuva e o vento carregarão o veneno para estas fontes de água.



### Volta à natureza

Você certamente já leu histórias em quadrinhos.

Agora é a vez de você escrever uma.

Observe a sequência ao lado, e invente uma bonita história e envie para o COTRISOL para a gente publicar!

O endereço é:

**COTRIJUI** - p/Cotrijornal  
Caixa Postal, 111.

IJUI - R.S.  
OU

**FIDENE** - para  
Escola 'Francisco de Assis'  
Caixa Postal, 560 - IJUI - R.S.

